



Universidade do Algarve

---

**Coesão e Adaptabilidade Familiares: Estudo preliminar das características psicométricas da FACES III numa amostra de mães portuguesas**

---

**Maria Raquel Duarte Lopes Felgosa**

2013



Universidade do Algarve

---

**Coesão e Adaptabilidade Familiares: Estudo preliminar das características psicométricas da FACES III numa amostra de mães portuguesas**

---

**Maria Raquel Duarte Lopes Felgosa**

Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

**Trabalho efetuado sobre a orientação de:**

Professora Doutora Ida Manuela de Freitas Andrade Timóteo Lemos

2013

# **Coesão e Adaptabilidade Familiares: Estudo preliminar das características psicométricas do FACES III numa amostra de mães portuguesas**

## **“Declaração de Autoria de Trabalho”**

“Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.”

---

(Maria Raquel Duarte Lopes Felgosa)

«*Copyright*» por Maria Raquel Duarte Lopes Felgosa: “A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.”

***“Não basta falar de sucesso. É preciso acreditar nele.  
E não basta acreditar nele. É preciso trabalhar para ele.”***

Eleanor Roosevelt

## Agradecimentos

---

À minha irmã Diana, que, durante toda a vida, foi mais que uma mãe para mim. Obrigada pela amizade, pelo apoio incondicional e por seres O exemplo a seguir.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram nas minhas escolhas e que me motivaram a dar sempre o meu melhor.

À minha mãe, que me ensinou a nunca desistir de perseguir os meus sonhos e me mostrou como lutar contra as adversidades, sendo até hoje o meu maior orgulho.

Ao meu pai, que me ensinou a ter esperança num futuro melhor e a nunca deixar de sorrir.

Ao Bruno por tudo e em especial pelas doses de paciência ao longo destes quatro anos.

Aos meus amigos de sempre, em especial a Elsa, o Joel e a minha Li, que sempre me permitiram partilhar os meus medos e as minhas alegrias, um enorme obrigado por fazerem parte da minha vida e por me mostrarem que toda esta “loucura” pode ser algo fantástico.

Às minhas meninas Carina, Inês, Bruna e Melody que me fizeram crescer muito durante todo este percurso académico, pois foi com elas que (re) aprendi o valor da amizade. Vou levar os nossos segredos, as alegrias, o carinho, as zangas, as aventuras com muita diversão e a amizade no meu coração para sempre.

À Ana Sofia pela amizade tardia mas que veio para ficar. Obrigada por todos os nossos momentos, pela partilha, pelos sorrisos, pelas séries e filmes, por me “dares na cabeça”, por toda a sinceridade e por estares sempre comigo, incondicionalmente.

À Irina, por ser o ID. Por toda a loucura, pela alegria e pelos sonhos. Por toda a ajuda, pelos conselhos e por alimentar o meu (Super) Ego.

À Professora Ida Lemos por toda a alegria, disponibilidade e apoio durante todo o curso, em especial, nesta última e mais importante etapa do meu percurso académico.

Por último, mas não menos importante, às mães que participaram no meu estudo por toda a simpatia e disponibilidade que demonstraram.

A todos vocês um MUITO OBRIGADO.

## Resumo

---

A família é o contexto de vida mais significativo do ser humano e um processo progressivo de individuação e socialização. Assim, vários investigadores direcionaram a sua atenção para a sua influência no desenvolvimento psicossocial e nos comportamentos adaptativos do indivíduo. Alguns autores procuraram compreender os processos que as famílias atravessam como uma sequência previsível de estádios ao longo do seu ciclo vital, marcados por transições ou mudanças precipitadas pelas necessidades biológicas, sociais e psicológicas dos seus membros (Goldenberg & Goldenberg, 1980).

O presente estudo pretendeu descrever e analisar o perfil sociodemográfico e familiar, e ainda a coesão e a adaptação familiares percebidas por mães da população geral. Pretendemos ainda analisar a forma como estas dimensões se relacionam entre si e com as diversas características sociodemográficas e familiares.

Foram entrevistadas 120 participantes portuguesas, com idades compreendidas entre os 21 e os 58 anos ( $M=38,57$  anos,  $DP= 7,21$ ).

Para avaliar as dimensões em estudo foram utilizados os seguintes instrumentos: um questionário de dados sociodemográficos e familiares e a escala FACES III (Olson, Portner, & Lavee, 1985).

Os resultados mostraram que se trata de um grupo bastante homogéneo no que se refere à situação sócio – familiar, caracterizadas na sua maioria por uma relação marital estável e duradoura, por um nível de escolaridade elevado, boas condições habitacionais, uma elevada taxa de empregabilidade e empregos de média e alta qualificação, regulares e com contrato de trabalho. Observámos ainda uma associação significativa e positiva entre a dimensão coesão e a dimensão adaptabilidade familiar. Embora os níveis de coesão percebidos fossem superiores aos da adaptabilidade familiar, ambos revelaram-se elevados, sugerindo um funcionamento familiar equilibrado na amostra em estudo.

**Palavras-chave:** Família, Coesão familiar, Adaptabilidade Familiar, Modelo Circumplexo do Funcionamento Familiar, Escala FACES III

## Abstrat

---

Family is the human being most significant context of life and a progressive process of individuation and socialization. Multiple investigators directed their attention to the influence on psychosocial development and to the adaptive behavior of the subject. Some authors seek to understand the processes that families go through like a predictable sequence of stages along their vital cycle, marked for precipitate transitions or changes by biological, social and psychological needs of their members (Goldenberg & Goldenberg, 1980).

The following study pretended to describe and analyze the socio-demographic and family profile, and further the family cohesion and adaptation understood by general population mothers. We even pretend to analyze how these constructs relate to each other and with the several socio-demographic and family characteristics.

Were interviewed 120 portuguese women with ages between 21 and 58 years old ( $M = 38,57$  ;  $SD = 7,21$ ).

To evaluate the constructs in study the following instruments were used: a socio-demographic and family questionnaire and FACES III (Olson, Portner, & Lavee, 1985).

The results showed quite a homogeneous group in what refers to their social-family situation, characterized mostly by a stable marital long-lasting relation, an elevated scholarity level, good housing conditions, high rate of employability and medium and high job qualifications, regular and with work contract. We also observed a significative and positive association between cohesion construct and family adaptability construct. Although the understood cohesion levels were superior to the family adaptability, they both revealed elevated, suggesting a balanced family function in the study sample.

**Key-words:** Family, Family Cohesion, Family Adaptability, The Circumplex Model, The Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES III)

## Índice

---

Introdução	1
Capítulo I.	4
1. Enquadramento Teórico	5
1.1 Funcionamento Familiar	5
1.1.1 Coesão e adaptabilidade familiar	8
1.1.2 Modelo Circumplexo dos Sistemas Familiares e Conjugais	10
1.1.3 Modelo Circumplexo Familiar Tridimensional	12
Capítulo II.	20
2. Parte Empírica	21
2.1 Objetivo geral e objetivos específicos	21
Capítulo III.	22
3. Método	23
3.1 Desenho do Estudo	23
3.2 Amostra	23
3.2.1 Técnica de amostragem	23
3.2.2 Critérios de seleção da amostra	23
3.2.3 Características da amostra	24
3.3 Instrumentos de Recolha de Dados	25
3.3.1 Questionário de dados sociodemográficos	25
3.3.2 Escala de avaliação da adaptabilidade e coesão familiares (FACES	
III)	26
3.4 Procedimentos	28
3.4.1 Recolha de dados	28
3.4.2 Tratamento e análise dos dados	28
Capítulo IV.	29
4. Apresentação e Análise dos Resultados	30
4.1 Dados Sociodemográficos e Familiares	30

4.1.1 Caraterização Individual	30
4.2 Caracterização Familiar	33
4.3 Níveis de Adaptabilidade e de Coesão Familiar	37
<b>4.4 Propriedades Psicométricas do Instrumento FACES</b>	<b>38</b>
4.4.1 Consistência Interna	38
4.4.2 Análise Fatorial	41
<b>4.5 Relação entre as Variáveis Sociodemográficas e Familiares, a Adaptabilidade e a Coesão Familiar</b>	<b>45</b>
<b>4.6 Diferenças nos níveis de Adaptabilidade e Coesão Familiar em função das Características Sociodemográficas e Familiares</b>	<b>50</b>
Capítulo V.	57
5. Discussão de Resultados	58
5.1 Perfil Sociodemográfico e Familiar das mães	58
5.2 Coesão e adaptabilidade familiares	59
5.3 Relação entre as variáveis Sociodemográficas e Familiares, a Adaptabilidade e a Coesão Familiar	62
6. Conclusões e Limitações do estudo	65
7. Referências Bibliográficas	68
8. Anexos	74

## Índice de Anexos

---

**Anexo 1.** Pedido de autorização às mães para participar no estudo.

## Índice de Tabelas

---

**Tabela 1.** Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos da idade, número de filhos e de anos na relação marital

**Tabela 2.** Situação Laboral

**Tabela 3.** Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos da composição do agregado familiar

**Tabela 4.** Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos dos rendimentos laborais e familiares

**Tabela 5.** Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos relativos à habitação

**Tabela 6.** Descritivos das dimensões de Adaptabilidade e de Coesão Familiar

**Tabela 7.** Pontuações ponderadas da Adaptabilidade e Coesão Familiar

**Tabela 8.** Correlações entre a Adaptabilidade Familiar e a Coesão Familiar

**Tabela 9.** Consistência interna das dimensões Adaptabilidade e Coesão Familiar

**Tabela 10.** Consistência interna das dimensões do FACES e respectivos itens

**Tabela 11.** Análise fatorial exploratória do FACES

**Tabela 12.** Correlações entre as variáveis sociodemográficas e familiares

**Tabela 13.** Correlações entre as variáveis sociodemográficas e familiares e as dimensões Coesão e Adaptabilidade Familiar

**Tabela 14.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar em função da situação laboral, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

**Tabela 15.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar segundo o tipo de família, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

**Tabela 16.** Comparação das médias, desvios-padrão na Coesão e Adaptabilidade Familiar segundo a estabilidade familiar, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

**Tabela 17.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar segundo a estabilidade dos rendimentos familiares, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

**Tabela 18.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar em função do nível educativo, teste *Kruskal-Wallis*

**Tabela 19.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar em função do tipo de trabalho, teste *Kruskal-Wallis*

**Tabela 20.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar em função do tipo de família, teste *Kruskal-Wallis*

**Tabela 21.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar em função do sexo do menor, teste *t* de *Student*

**Tabela 22.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar segundo o grupo etário do menor, teste *t* de *Student*

## Índice de Figuras

---

**Figura 1.** Situação Marital

**Figura 2.** Nível de Escolaridade

**Figura 3.** Tipo de Trabalho

**Figura 4.** Tipo de Família

**Figura 5.** Proveniência dos rendimentos familiares

**Figura 6.** Estabilidade dos rendimentos familiares

**Figura 7.** *Scree-plot* de Cattell com os itens do FACES

**Figura 8.** Pontuações FACES segundo o modelo circumplexo familiar tridimensional

**Figura 9.** Caracterização das famílias

## Introdução

---

A importância dada à influência da família no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes enquanto principal elo de socialização e aprendizagem dos mesmos, tem incrementado um sem número de estudos focalizados na análise da influência do funcionamento familiar no desenvolvimento das crianças (Hidalgo, Lopez, & Sanchez, (2004); Rodrigo, Cabrera, Martín, & Máiquez, (2009).

A família representa um dos pilares da sociedade e é o contexto primário e privilegiado de socialização, permitindo aos indivíduos influenciar-se mutuamente no contacto com as diferentes gerações (Cruz, 2005, citado por Machado, 2008). Neste sentido, a estrutura familiar representa a teia invisível que organiza o modo como os subsistemas familiares e os seus membros interagem entre si (Minuchin, 1974 citado por Machado, 2008).

O papel dos pais não é unicamente o de promotores do desenvolvimento dos filhos, mas o de sujeitos que estão num processo de desenvolvimento constante, no qual adquirem (e transmitem) diversas aprendizagens ao longo do seu percurso de vida (Hidalgo et al., 2004).

Do ponto de vista sistémico a família pode ser entendida como “uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos isolados (...). A simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional desta estrutura” (Gameiro, 1992 cit. por Relvas, 2006, p.11). A família tem, então, impacto em todos os seus membros e possui diversas funções, tais como, ser um espaço onde é possível desenvolver indivíduos com uma determinada autoestima, um determinado sentido de si mesmo e que experienciam um certo nível de bem-estar psicológico na vida quotidiana, em comparação com determinados conflitos e situações stressantes; ser um espaço de preparação onde o indivíduo aprende a enfrentar desafios, assim como assumir responsabilidades e compromissos que orientam os indivíduos para uma dimensão plena de realizações e projetos integrados no meio social; ser um espaço de encontro intergeracional, onde os adultos ampliam os seus horizontes vitais formando uma ponte entre o passado (e.g., geração dos seus avós) e o futuro (e.g., geração dos seus filhos); por último, ser uma rede de suporte social para as diversas transições vitais

que ocorrem ao longo da vida do adulto, precisamente na procura de um companheiro, de trabalho, de casa, de novas relações sociais, na velhice, entre outras (Palacios & Rodrigo, 2009).

Embora no contexto da família possam ocorrer problemas e conflitos, esta constitui-se também como uma fonte de apoio e de suporte para as dificuldades que ocorram fora do contexto familiar e um ponto de encontro para tentar resolver tensões acumuladas no seu interior (Alarcão, 2000; Palacios & Rodrigo, 2009). No entanto, existem diversos contextos familiares que não conseguem promover o desenvolvimento adequado dos seus membros, não fomentando consecutivamente a saúde mental dos seus elementos (García, Álvarez-Dardet, Hidalgo, Lara, & García, 2009). Neste contexto, são diversos os fatores que podem intervir diretamente e indiretamente no desempenho familiar, precisamente em situações em que ocorram exclusão social, em famílias monoparentais, em famílias em situação económica urgente, entre outras (De Paúl & Arruabarrena, 2001, citado por García et al., 2009).

São diversos os acontecimentos que podem ocorrer na vida do indivíduo, exigindo consecutivamente um reajustamento substancial no seu comportamento (Holmes & Rahe, 1967). De entre estes, os acontecimentos de vida negativos podem ser ponderados como acontecimentos potencialmente stressantes, podendo surgir no contexto familiar e operar nas diferentes estruturas existentes (Rydell, 2010). Desta forma, a ocorrência de determinados acontecimentos de vida stressantes podem influenciar a dinâmica familiar do indivíduo, e, consecutivamente, o funcionamento familiar (Harland, Reijneveld, Brugman, Verloove-Vanhorick, & Verhulst, 2002; Rodríguez, Pedrosa, Marín, Campos, Nunez, & Hoyo, 2009; Rydell, 2010).

Como forma de minimizar estes efeitos e de proteger o indivíduo do impacto deste tipo de acontecimentos, a rede de suporte social desempenha um papel fulcral (Lewis, Byrd, & Ollendick, 2012; Thoits, 1995; Gracia, Musitu, & García, 1994). Segundo Ribeiro (1999a), o suporte social define-se pela disponibilidade dos sujeitos ao nível da disponibilidade de afeto, da demonstração de preocupação e de valorização do outro.

É fundamental ter em atenção a forma como se estabelecem as interações que estruturam os processos familiares (i.e., as dimensões coesão e adaptabilidade

familiares, assim como a comunicação entre os elementos da família) e que regulam a forma como se processa o desenvolvimento individual e familiar (Alarcão, 2000).

De entre os diversos modelos de funcionamento familiar, o modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar de Olson é um dos modelos mais utilizados, uma vez que se foca no sistema familiar e integra três dimensões (coesão, adaptabilidade e comunicação) consideradas relevantes nos modelos familiares e nas abordagens de terapia familiar (Olson, 1999; Olson, & Gorall, 2003). A coesão é definida como a ligação emocional que os membros familiares têm entre si e a adaptabilidade é definida como a capacidade do sistema familiar em mudar a sua estrutura, os relacionamentos e as regras em resposta a situações e fases de stresse. Neste contexto, a comunicação é a dimensão facilitadora entre estas duas dimensões (Santos, 2002). Neste sentido, no primeiro capítulo da dissertação apresentamos uma revisão da literatura sobre as dimensões do funcionamento familiar em estudo. Especificamente, centrar-nos-emos na descrição do Modelo circumplexo de Olson, enfatizando as dimensões coesão e adaptabilidade familiares. Posteriormente, no segundo capítulo, apresentamos os objetivos do nosso estudo e no terceiro capítulo, correspondente ao método, apresentaremos o desenho do estudo, a caracterização da amostra, os instrumentos utilizados e os procedimentos de recolha e análise de dados. No quarto capítulo exporemos os resultados decorrentes da análise estatística efetuada e, no quinto capítulo, serão discutidos os resultados obtidos. Para finalizar, serão apresentadas as conclusões, as principais limitações do estudo e serão efetuadas algumas propostas para investigações futuras.

## ***Capítulo I.***

---

## 1. Enquadramento teórico

---

### 1.1 Funcionamento Familiar

A preocupação com a diversidade do funcionamento da família, sustentada na ideia de privatização dos comportamentos familiares, abriu caminho, desde os anos 60, para o desenvolvimento de várias abordagens que se centraram no estudo da dinâmica interna da família (Aboim, S., & Wall, K., 2002).

Muitas perspetivas procuram tornar compreensível a natureza dos laços sociais que unem a família (a coesão interna), embora o façam a partir de diferentes dimensões (o trabalho, os interesses, os recursos financeiros...), de diferentes níveis de análise (as práticas, as representações) e de diferentes quadros explicativos da ação.

Uma leitura integrada dos vários contributos para a abordagem da vida familiar certifica assim a necessidade de juntar vários enfoques e dimensões de análise a fim de melhor aferir uma realidade tão pluridimensional como a família (Aboim, S., & Wall, K., 2002).

Assumindo uma perspetiva sociológica, Kellerhals (1989 citado por Aboim & Wall, 2002) refere que existe a necessidade de tipificar os géneros de relações existentes nas famílias e de acordo com o pluralismo paradigmático que caracteriza a sociologia da família o principal objetivo seria o de identificar e descrever a diversidade do funcionamento da família conjugal. Desta forma, Roussel (1980,1991 citado por Aboim & Wall, 2002) propõe analisar a família através da dimensão simbólica dos valores e das representações sociais. Assim, a diversidade dos modelos familiares é explicada pela forma como os indivíduos interpretam as normas sociais produzidas num determinado contexto.

Outra perspetiva que desempenhou um papel importante foi a abordagem interacionista, ao analisar a dinâmica conjugal e familiar. A este propósito, Burgess, Locke e Thomas (1945 citados por Aboim & Wall, 2002) definiram a família companheira como aquela que se encontra centrada nas relações privadas entre os indivíduos. Esta abordagem interacionista pressupõe a independência da família face aos contextos sociais que se funde sobre eixos essenciais de dinâmicas de grupo, como a coesão interna, a integração no exterior ou a regulação dos conflitos, apresentando como mais-valia a capacidade de análise dos comportamentos familiares (Roussel, 1986 citado por Aboim & Wall, 2002).

Uma família é um espaço único para o desenvolvimento de aprendizagens em diferentes dimensões de interação. É um espaço de vivências afetivas profundas, envolvendo emoções positivas e negativas, que em conjunto dão forma ao sentimento de pertencermos à “nossa família”. Assim, a forma como se estabelecem as interações estrutura os processos familiares (i.e., as dimensões coesão e adaptabilidade familiares, assim como a comunicação entre os elementos da família) e regula a forma como se processa o desenvolvimento individual e familiar (Alarcão, 2000, 2002) sugere, ainda, que um grupo que tenha por base a confiança, o suporte mútuo e um destino comum deve ser encarado como família, o que permitiria integrar os novos modelos familiares que, em muitos aspetos, seguem o modelo tradicional.

Ao considerarmos o meio familiar como um contexto primário e fundamental de socialização e de interação mútua, torna-se bastante pertinente estudar e analisar o contexto familiar em que o próprio indivíduo se encontra inserido, o modo como a própria funciona, perceber quais são os principais apoios familiares no seu seio e quais os que contribuem para o seu equilíbrio.

As transformações sociais, culturais e demográficas que tiveram lugar a partir dos anos 60 nas sociedades contemporâneas, levaram os sociólogos a colocar ênfase na pluralidade de formas e lógicas de funcionamento familiares. A ideia de um modelo único e dominante foi substituída pela análise da diversidade (Parsons, 1971 citado por Aboim & Wall, 2002).

Uma das tipologias mais citadas é a do psiquiatra David Reiss, formulada com objetivos de diagnóstico e terapia das famílias com crianças esquizofrénicas (Reiss, 1981 citado por Aboim & Wall, 2002).

A tipologia de Reiss (1981) é construída sobre a maneira como o grupo familiar representa o meio e sobre os modos interativos desenvolvidos pelo grupo na sua relação com o meio. A partir da combinação destes três eixos, Reiss encontra três famílias -tipo que reagrupam a quase totalidade das famílias por ele observadas. Estas famílias têm em comum no eixo da coesão a importância atribuída à solidariedade do casal e diferem em relação à forma como veem e se relacionam com o contexto sócio-cultural (Aboim & Wall, 2002).

Enquanto no primeiro tipo de família os cônjuges têm o sentimento de que o mundo exterior é coerente e controlável, manifestam capacidade de mudar atitudes e comportamentos face a problemas novos, através da negociação, no segundo tipo de

família percebem o meio como caótico, hostil, pouco controlável e inquietante, fecham-se sobre si mesmos numa forte solidariedade e consenso e seguem normas rígidas. Como se pode verificar, a coesão assume nos dois tipos de família significados diferentes. Para uns, a solidariedade e a unidade do casal implica conservadorismo, no sentido de haver uma preocupação em manter regras de funcionamento constantes, para outros significa flexibilidade e inovação (Aboim & Wall, 2002).

Por sua vez, o terceiro tipo de família enfatiza as especificidades individuais e a autonomia de cada um dos membros. A interação entre a família e o exterior é forte mas faz-se de forma individual, uma vez que se considera que as atitudes e reações de cada um face aos problemas colocados pelo meio, bem como os modos de processar a informação daí proveniente, são demasiado diferentes para que valha a pena cooperar no sentido de encontrar uma solução ou interpretação comum. (Aboim & Wall, 2002).

Outros autores sublinham igualmente alguns aspetos de funcionamento das famílias ocidentais contemporâneas. Por exemplo, Olson e McCubbin (1983 citados por Aboim & Wall, 2002) distinguem as necessidades de individualização e autonomia, por um lado, e de afiliação e de identificação, por outro, ambas encorajadas pela cultura das sociedades ocidentais. De acordo com esta perspetiva, a coesão familiar resulta do equilíbrio dinâmico existente entre essas duas forças.

A avaliação das relações familiares tem sido foco de vários estudos que procuram identificar quais os fatores que estão relacionados com o surgimento e com a intensificação dos transtornos mentais. Vários estudiosos concordam que as relações familiares são modificadas quando um membro da família apresenta algum problema de saúde, por exemplo, alcoolismo, anorexia nervosa, depressão e outros. Logo, a inclusão da família no tratamento de pacientes psiquiátricos também tem sido associada à melhora do paciente e das relações familiares (Souza, Abade, Silva, & Furtado, 2011).

Cada vez mais profissionais têm procurado desenvolver ações direcionadas ao atendimento de famílias com pacientes psiquiátricos (Souza, Abade, Silva, & Furtado, 2011). Uma das tarefas dos profissionais de saúde que prestam atendimento nessa área é realizar um adequado diagnóstico para planear, executar e avaliar os resultados de uma intervenção familiar.

No que se refere aos instrumentos disponíveis para a avaliação do sistema familiar, encontramos escalas ou inventários de autorresposta da interação e relação familiar, entrevistas, métodos observacionais e avaliações clínicas. Porém, se o objetivo

é avaliar a interação familiar, vários autores sugerem que um mínimo de subsistemas seja incluído para que se tenha um maior grau de certeza acerca do conhecimento produzido a respeito do segmento da realidade, isto é, que sejam coletadas informações de díades (relação entre duas pessoas, por exemplo, pai e filho) e tríades (relação entre três pessoas, por exemplo, pai, mãe e filho). As diferentes percepções sobre o relacionamento familiar advindas de dois ou mais indivíduos podem indicar se os membros compartilham os mesmos significados (Souza, Abade, Silva, & Furtado, 2011).

Algumas questões têm dificultado o processo de avaliação do sistema familiar, como sejam, a existência de vários construtos (funcionamento familiar, dinâmica familiar, satisfação familiar, prática e estilos parentais, suporte familiar), a indefinição sobre a melhor forma de avaliar e o que deve ser avaliado e ainda, a falta de consenso sobre a definição de relações familiares disfuncionais e saudáveis (Souza, Abade, Silva, & Furtado, 2011).

No nosso estudo focarmo-nos no Modelo Circumplexo do sistema conjugal e familiar conceptualizado por Olson (1999), uma vez que é um modelo bastante utilizado para analisar o funcionamento familiar e que dá ênfase às dimensões coesão, adaptabilidade e comunicação existentes no contexto familiar.

### **1.1.1 Coesão e adaptabilidade familiar**

Ao considerarmos o contexto familiar como um espaço único para o indivíduo (Alarcão, 2000), torna-se muito relevante analisar o funcionamento da família, de forma a perceber como se estruturam os processos familiares.

No que respeita ao funcionamento familiar, o Modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar, é um dos modelos mais utilizados para a análise e diagnóstico relacional familiar. O modelo circumplexo do sistema conjugal e familiar integra três dimensões relevantes na compreensão do funcionamento familiar (Olson, & Gorral, 2003). As três dimensões utilizadas no modelo circumplexo são: a coesão que consiste na ligação emocional existente entre os membros de uma família; a adaptabilidade, que é avaliada pela capacidade do sistema familiar em mudar a sua estrutura de poder, as suas regras e/ou papéis, bem como as suas relações, na sequência de uma situação de

stress situacional. Por último, a comunicação, tem como principal objetivo facilitar o movimento das duas dimensões anteriormente referidas (Olson & Gorral, 2003).

No que se refere à adaptabilidade, esta significa a capacidade que o sistema familiar possui para mudar a sua estrutura, as regras e os relacionamentos como resposta a situações de stress; a coesão é definida como o vínculo emocional que os membros da família têm entre si; e, por último, a comunicação é considerada como a dimensão auxiliadora/ facilitadora entre aquelas duas dimensões.

A partir da versão tridimensional do modelo circumplexo, as famílias que apresentam níveis altos de coesão e adaptabilidade familiar são definidas como equilibradas, enquanto as famílias que apresentam resultados baixos de coesão e adaptabilidade familiar são definidas como disfuncionais (Olson, 1999; Green, Harris, Forte, & Robinson, 1991).

Neste sentido, famílias com um tipo de funcionamento equilibrado geralmente tendem a funcionar de uma forma mais adequada do que famílias com um tipo de funcionamento desequilibrado (Olson, 1999). Define-se como equilibradas no que respeita à coesão as famílias em que os seus elementos manifestam ser simultaneamente independentes e ligados à família. Relativamente à adaptabilidade, são consideradas equilibradas as famílias que apresentam estabilidade quando ocorre alguma mudança no seio familiar (Olson, 1999). As famílias ou casais considerados equilibrados terão uma comunicação mais positiva, quando comparadas com sistemas desequilibrados. Geralmente, a capacidade de comunicação é vista como positiva no seio da relação, ajudando e facilitando os sistemas familiares e/ou casal a manter o equilíbrio nas dimensões coesão e adaptabilidade familiar (Olson, 1999).

Nesta ordem de ideias, uma coesão e adaptabilidade familiares com níveis adequados podem funcionar como fatores protetores em relação ao stress parental, ou pelo contrário, quando estão presentes níveis disfuncionais ou baixos de Coesão e Adaptabilidade, estes podem contribuir para o aumento de stress parental, na presença de circunstâncias ou fatores psicossociais adversos (Santos, 2002).

### **1.1.2 Modelo Circumplexo dos Sistemas Familiares e Conjugais**

O reconhecido interesse científico pelo estudo das relações familiares tem vindo a impulsionar o desenvolvimento de modelos, técnicas e instrumentos que permitam compreender e aceder à análise quantitativa das informações obtidas através do sistema familiar. Neste sentido, a avaliação do funcionamento familiar através de procedimentos rigorosos converteu-se numa necessidade real para a prática psicológica (Schmidt, Barreyro, & Maglio, 2009).

Em 1979, Olson, Portner e Lavee desenvolveram o Modelo Circumplexo dos sistemas familiares e conjugais que se caracteriza por um modelo sistémico, que visa a compreensão do funcionamento familiar e conjugal, que tem sido utilizado com propósitos clínicos e como base teórica para vários estudos de investigação (Ben-David & Sprenkle, 1993; Curral et al., 1999; Green, Harris, Forte, & Robinson, 1991; Martínez-Pampliega, Iraurgi, & Sanz, 2011; Place, Hulsmeier, Brownrigg & Soulsby, 2005; Ribeiro et al., 2004; Schmidt et al., 2009; Vickers, 2001).

Este modelo torna-se particularmente útil para o diagnóstico relacional, uma vez que procura descrever o funcionamento familiar, integrando duas dimensões principais, a coesão e a adaptação e uma dimensão facilitadora, a comunicação, que frequentemente são consideradas relevantes nos modelos familiares e nas abordagens de terapia familiar (McClanahan, 1998; Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003).

De acordo com Kuncze e Priesmeyer (1985), a coesão e adaptação familiar representam dimensões básicas das interações familiares. A proposta refletida nestas dimensões surgiu de uma alargada revisão teórica e do agrupamento de mais de 50 conceitos utilizados por diversos autores para descrever a complexidade da dinâmica familiar e conjugal (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003).

A coesão familiar reconhece conceitos como laços emocionais, coligações, tempo, espaço, amigos, processos de tomada de decisão, interesses e lazeres. Por sua vez, a adaptação familiar compreende conceitos como liderança, disciplina, negociação, funções e normas (Martinez-Pampliega, Iraurgi, Galíndez & Sanz, 2005; Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003; Ribeiro et al., 2004). A coesão no microssistema familiar reside na importância do sentimento de pertença e de apoio e revela a intimidade emocional entre os seus membros, por outro lado, a adaptação reflete o poder e a influência dos familiares entre si (De Antoni et al., 2009).

A coesão familiar pode ser definida como a ligação emocional que os membros da família estabelecem entre si (Olson, 2000). Por sua vez, a adaptação refere-se à flexibilidade do sistema familiar para promover mudanças e pode ser definida como a capacidade dos sistemas (familiar ou conjugal), para modificar a sua estrutura de poder, interação de regras e de papéis em função dos contextos, situações, mudanças ou momentos de crise específicos do desenvolvimento (Rodrigo et al., 2008). A comunicação tem como objetivo facilitar o movimento das dimensões, coesão e adaptação familiar (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003).

No que se refere ao modelo circunplexo dos sistemas familiares e conjugais, Olson (2000) colocou-se a hipótese de que as dimensões coesão e adaptação familiar são formadas por vários níveis e estabeleceu que níveis moderados seriam os mais adequados para o funcionamento equilibrado de uma família e níveis mais extremos seriam considerados mais problemáticos. Este modelo teórico para além de definir as dimensões de coesão e adaptação familiar como as mais importantes evidências do funcionamento familiar considera que “famílias sem problemas” (i.e., não clínicas), apresentam níveis médios nas duas dimensões, enquanto que as famílias clínicas com diversos tipos de problemas (perturbações do comportamento, alcoolismo, doença mental, abuso sexual, entre outros) tendem a apresentar valores mais extremos (Falceto, 1997).

Neste sentido, o modelo circunplexo postula que a dimensão coesão familiar apresenta quatro níveis distintos: desmembrada (coesão extremamente baixa), separada (coesão baixa a moderada), ligada (coesão moderada a alta) e emaranhada (coesão extremamente alta) (Olson, 2000). Assim, nos níveis considerados equilibrados (separada e ligada) existe uma maior funcionalidade familiar entre os seus membros familiares, sendo os indivíduos capazes de oscilar entre os outros níveis, em situações de crise familiar. Contudo, o mesmo não se verifica nos níveis mais extremos, considerados como desequilibrados.

Nos níveis mais equilibrados, uma família caracterizada por uma relação separada denota alguma separação emocional entre os seus membros (mas não extrema), por outro lado, uma relação ligada exprime uma maior proximidade emocional e lealdade entre os seus membros. Nos níveis mais extremos, uma relação desligada caracteriza-se por uma separação emocional e evidencia pouco envolvimento entre os membros da família. Por sua vez, uma família emaranhada define-se por uma

extrema ligação emocional e uma grande dependência entre os seus membros, observando-se pouca diferenciação do self (Olson, 2000).

No mesmo sentido, o autor identificou também quatro níveis na adaptação familiar: rígida (adaptação extremamente baixa), estruturada (adaptação baixa a moderada), flexível (adaptação moderada a alta) e caótica (adaptação extremamente alta). Nos níveis considerados mais funcionais (estruturado e flexível) existe um equilíbrio entre a estabilidade e a mudança, verificando-se uma tendência para a família ser mais equilibrada ao longo do tempo (Olson, 2000).

No caso dos níveis mais extremos, as famílias consideradas rígidas, um dos membros controla a dinâmica familiar, impondo rigidez de papéis e inflexibilidade nas regras, por outro lado famílias caóticas, os papéis não se encontram bem definidos e podem ocorrer frequentemente trocas de papéis entre os seus membros (Olson, 2000). Por sua vez, uma família estruturada exprime uma liderança democrática que evidencia adaptações nos papéis e nas regras familiares sempre que necessário, incluindo a participação das crianças e uma família flexível denota uma liderança igualitária e democrática, incluindo ativamente as crianças, cujas regras e papéis são partilhados e adequados às idades dos menores (Olson, 2000).

De acordo com o modelo circumplexo, os diferentes níveis familiares de cada dimensão (coesão e adaptação) permitem igualmente categorizar as famílias em 16 tipos específicos, que por sua vez podem ser agrupados e classificados em quatro tipos gerais: equilibradas (muito ligadas e flexíveis, ou funcionais), moderadamente equilibradas, meio-termo e extremas (pouco ligadas e rígidas, ou disfuncionais) (Olson, 2000).

Por sua vez, Rodrigo e colaboradores (2008) argumentam que as famílias equilibradas ao nível das dimensões da coesão e adaptação familiar funcionam de forma mais satisfatória do que as famílias que apresentam comportamentos extremos numa das duas dimensões. Estas últimas são caracterizadas por uma elevada dependência ou separação entre os seus membros e por rigidez na aplicação de regras ou de disciplina em resposta a novas situações.

### **1.1.3 Modelo Circumplexo Familiar Tridimensional**

O modelo circumplexo dos sistemas familiares e conjugais impulsionou a conceção de uma série de instrumentos psicométricos que pretendem avaliar a dinâmica

conjugal e familiar e representar as várias percepções da família, entre os quais destacamos a FACES III, utilizada nesta investigação.

A escala FACES III foi desenvolvida para avaliar as duas dimensões centrais do modelo circumplexo dos sistemas familiares e conjugais, nomeadamente, a coesão e adaptação familiar, cujas características, juntamente com a dimensão, comunicação, foram identificadas como as mais importantes e aquelas que com denominação ou formulações teóricas diferentes são utilizadas por diversos investigadores (Ben-David & Sprenkle, 1993; Camacho et al., 2009; Cumsille & Epstein, 1994; Curral et al., 1999; Falceto et al., 2000; Kunce & Priesmeyer, 1985; Noller & Shum, 1990; Rolim, Lopes, Rodrigues, & Coelho, 2006).

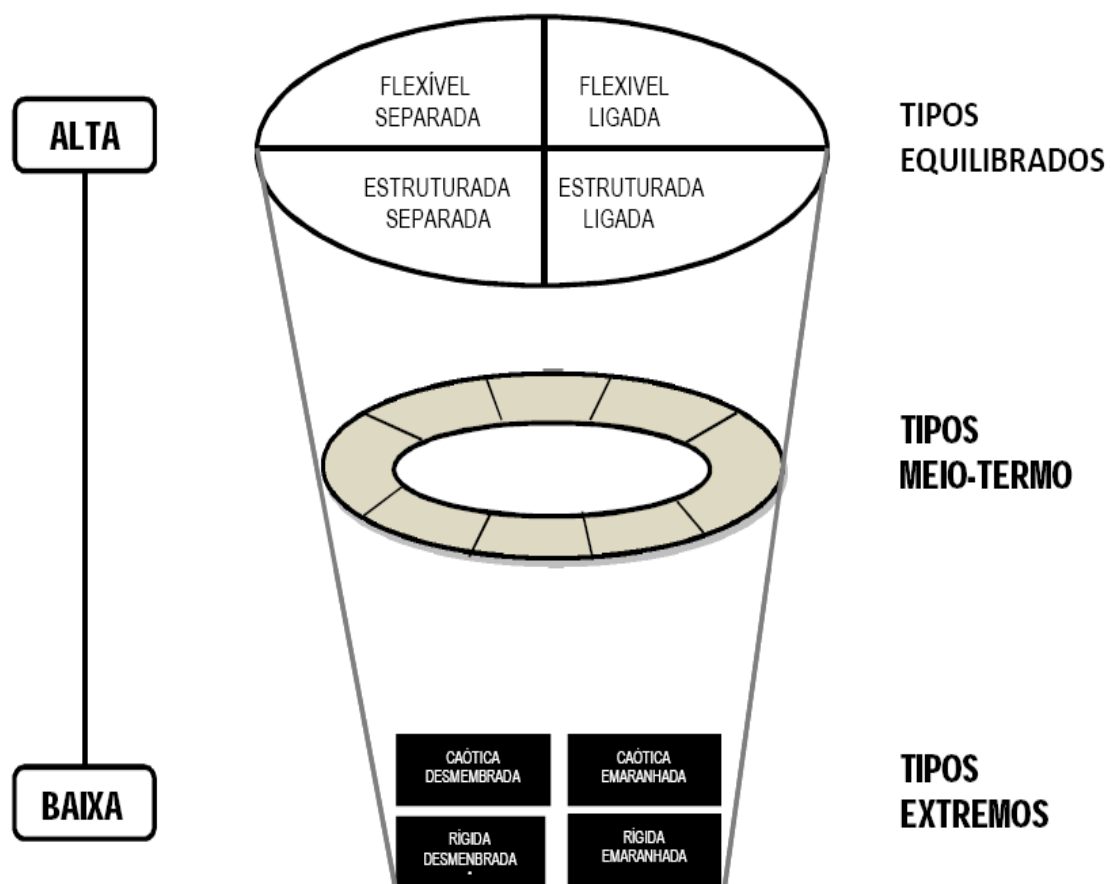
Diversos estudos empíricos têm colocado estas dimensões numa relação curvilínea com o funcionamento saudável da família (i.e., valores extremos nas dimensões seriam mais esperados em famílias disfuncionais e valores médios corresponderiam a indicadores de famílias funcionais ao nível do desenvolvimento individual e familiar dos seus membros (Camacho et al., 2009; Place et al., 2005; Ribeiro et al., 2004; Rodick, Henggeler, & Hanson, 1986; Schmidt et al., 2009; Vickers, 2001).

Apesar destes estudos que utilizaram a FACES III como expressão do modelo circumplexo, outros estudos empíricos identificaram as medidas da FACES III como lineares, evidenciando uma relação positiva entre a saúde mental da família e a coesão e a adaptação familiar (Green et al., 1991; Olson, 1986), relação linear entre coesão e adaptação com o funcionamento familiar (Falceto et al., 2000; Green et al., 1991; Martinez-Pampliega et al., 2011; Noller & Shum, 1990), sugerindo que níveis lineares do funcionamento familiar podem ser mais apropriados na medição do funcionamento familiar (Green et al, 1991).

Já em 1986, Olson admitiu que a escala FACES III não se mostrou adequada na medição do modelo curvilínea e reconheceu que nas “famílias sem problemas” (i.e., não clínicas), a coesão e a adaptação familiares tendem a comportar-se linearmente. Ou seja, quanto maior a saúde mental revelada pela família maior seria a sua coesão e adaptação (Falceto, 1997). Assim, face à evidência da existência de incongruências ao nível dos resultados obtidos com a FACES III com o modelo teórico circumplexo dos sistemas familiares e conjugais, Olson, em 1991 propôs um novo modelo explicativo: o modelo circumplexo familiar tridimensional (Figura 8).

Ao longo do processo de desenvolvimento da criança formam-se relações interpessoais baseadas no compromisso e implicação emocional entre pais e filhos, que vão criando e dando forma a um clima afetivo e emocional da família (Rodrigo & Palacios, 1998).

**Figura 8.** Pontuações FACES segundo o modelo circumplexo familiar tridimensional (Fonte: Olson,2000)



A família é considerada um sistema dinâmico e aberto a mudanças que implica uma dimensão relacional, expressa através das normas, estrutura e interações familiares, e uma dimensão temporal, expressa no seu desenvolvimento, evolução e continuidade (Relvas & Alarcão, 2002). Neste sentido, são necessárias constantes adaptações em função de desafios e dificuldades que vão surgindo em função do desenvolvimento dos

seus membros e de causas externas como acontecimentos de vida, circunstâncias históricas ou mudanças culturais (Olson & Gorall, 2003).

Uma família saudável caracteriza-se por papéis funcionais, onde cada elemento tem uma certa flexibilidade para alterar o seu papel face às novas exigências, que requerem novas estratégias para lidar com as diferentes situações (Pedras & Pereira, 2010). A interação afetiva dos pais com a criança, o equilíbrio de poder, a reciprocidade na relação, bem como o desempenho de práticas educativas eficazes na educação da criança, constituem recursos importantes para a adaptação das crianças e dos adolescentes (Cecconello, 2003). Green e colaboradores (1991) observaram relações lineares entre coesão e adaptação familiar na medição do funcionamento familiar, e verificaram que os membros familiares que apresentam maior coesão e interação entre os seus membros tendem a relatar mais satisfação e experiências familiares positivas. A coesão e adaptação familiar têm sido relacionadas linearmente com o desenvolvimento saudável e bem-estar psicossocial das crianças, adolescentes e famílias (Cumsille & Epstein, 1994; De Antoni et al., 2009; Oliva et al., 2008; Rodick et al., 1986).

Por outro lado, a comunicação é uma dimensão fundamental na vida familiar, que possibilita aos membros da família a expressão e partilha das suas dificuldades, desejos e preocupações, associando-se fortemente à (in) satisfação com as relações familiares (Sousa, 2005). Martinez-Pampliega e colaboradores (2011) salientam que a comunicação é uma dimensão facilitadora, cuja relação com o funcionamento familiar é linear (i.e. melhor comunicação familiar, maior funcionamento familiar), considerando importantes os conceitos como a empatia, escuta ativa, liberdade de expressão, clareza do discurso, respeito e consideração.

No estudo desenvolvido por Cava (2003), sobre a comunicação familiar e o bem-estar psicossocial nos adolescentes, o autor verificou uma relação positiva entre adequada comunicação familiar e um maior bem-estar psicossocial dos adolescentes. Da mesma forma, Vickers (2001) refere que os membros familiares que revelam uma comunicação eficaz através da partilha de necessidades e sentimentos apresentam uma maior probabilidade de apresentar melhores níveis de coesão e adaptação familiar. Assim, as famílias mais coesas são também as mais adaptadas e funcionam como contextos de desenvolvimento mais estimulantes para as crianças.

Os pais desempenham diferentes papéis em função do contexto cultural em que estão inseridos, cujos papéis são multidimensionais e complexos (Braz, Dessen, &

Silva, 2005). As tarefas relacionadas com o cuidado e educação dos filhos, as possíveis mudanças nas relações conjugais, a necessidade de compatibilizar horários, atividade profissional, distintos papéis, mudanças de hábitos e custos económicos, constituem alguns dos aspetos que podem ser problemáticos e potencialmente stressantes na difícil tarefa de educar (Hidalgo, 1998).

Diversos estudos empíricos têm reconhecido a importância da dinâmica familiar baseada no funcionamento do sistema familiar, considerados como fatores de risco predominantes na ideação e tentativa de suicídio, depressão, insucesso escolar, problemas de comportamento e adaptação psicossocial em crianças e adolescentes (Camacho et al., 2009; Cumsille & Epstein, 1994; Oliva et al., 2008; Reyes & Miranda, 2001; Vickers, 2001). Também, o estudo desenvolvido por Camacho e colaboradores (2009), com adolescentes de famílias com baixo nível educativo e rendimentos familiares reduzidos, concluiu que mais de metade dos adolescentes representa a família com um funcionamento familiar disfuncional, com extrema separação emocional entre os seus membros, um clima afetivo empobrecido, frequentes mudanças de regras e de decisões parentais. Para além de reforçar sentimentos de insegurança nos adolescentes, estas variáveis podem relacionar-se fortemente com a adoção de comportamentos de risco.

Vickers (2001) analisou o funcionamento familiar de crianças em situação de risco no contexto escolar (i.e. em abandono escolar, insucesso escolar e problemas de comportamento) e concluiu que as crianças que integram estes agregados familiares, distinguem-se das famílias das crianças que não apresentam risco ao nível do contexto educativo, nomeadamente ao nível das suas características sociodemográficas e funcionamento familiar, caracterizadas por graves carências económicas, presença de múltiplos acontecimentos de vida negativos, monoparentalidade, apresentando-se como menos coesas e adaptadas, mostrando-se menos funcionais e, nalguns casos até disfuncionais, como contextos de desenvolvimento para os menores.

No estudo realizado por Oliva e colaboradores (2008), sobre os acontecimentos de vida stressantes e adaptação dos adolescentes, os autores concluíram que os jovens que vivem em agregados familiares que privilegiam a coesão e adaptação familiar e onde se desenvolvem relações familiares positivas, apresentam menos problemas de adaptação psicossocial durante a adolescência.

Por sua vez, Cumsille e colaboradores (1994) estudaram a relação entre coesão e adaptação familiar e sintomatologia depressiva em adolescentes, de famílias acompanhadas em consulta de terapia familiar. Os autores observaram que a satisfação com a coesão e apoio social percebido da família estavam associados negativamente com sintomatologia depressiva nos adolescentes, e concluíram que a coesão e adaptação familiar prediziam o desenvolvimento de sintomatologia depressiva durante a adolescência.

Num estudo realizado por Pedras e Pereira (2010), com o objetivo de avaliar se a adaptabilidade e a coesão familiar funcionam como variáveis mediadoras na relação entre a sintomatologia traumática e comportamentos de saúde em filhos de veteranos da guerra colonial portuguesa, com uma amostra de 53 filhos adultos de pais veteranos, os resultados evidenciaram que a adaptabilidade familiar é uma variável mediadora na relação entre a sintomatologia traumática e a adoção de comportamentos de saúde, enfatizando a importância de envolver todos os elementos da família na promoção de comportamentos de saúde. Neste sentido, o ambiente familiar é considerado como preponderante na relação entre trauma e comportamentos de saúde, uma vez que sistemas familiares mais adaptáveis e flexíveis tendem a lidar melhor com a sintomatologia traumática e adotar maior número de comportamentos de saúde.

Por sua vez, Rebello e Júnior (2007) desenvolveram uma investigação com uma amostra de 260 mulheres (130 vítimas de violência doméstica e 130 sem história de violência doméstica), onde foi avaliada a associação entre coesão, adaptabilidade e risco de problemas mentais nos elementos que compõem as famílias, com violência física contra a mulher e o uso de drogas, tendo concluído que o desequilíbrio causado pela ausência de coesão da família e o uso de drogas altera determinadamente o funcionamento familiar, podendo originar conseqüentemente um maior número de conflitos e agressões domésticas.

Diversos estudos evidenciam também que a relação conjugal desempenha um papel fundamental nas relações estabelecidas entre pais e filhos (Cumsille & Epstein, 1994; De Antoni et al., 2009; Cumsille & Epstein, 1994; De Antoni et al., 2009). O adequado funcionamento familiar é promovido pela relação próxima entre o casal, pais-filhos e irmãos, ao contrário das famílias com um elevado nível de conflito, que demonstram frequentemente baixa coesão entre os seus membros, observando-se perturbações do comportamento na criança (Cumsille & Epstein, 1994; De Antoni et al.,

2009). A importância da qualidade da relação entre os pais constitui um fator protetor que ajuda a minimizar os fatores que afetam negativamente a parentalidade (Pons-Salvador, Cerejo, & Bernabé, 2005).

O ajustamento marital, as formas de comunicação e as estratégias de resolução de conflitos desenvolvidas pelo casal influenciam o desenvolvimento de padrões de cuidado, educação, aprendizagem e a qualidade das relações entre os pais e os seus filhos (Braz et al., 2005). Por outro lado, o grau de implicação dos pais, na aprendizagem, estimulação, facilitação e reforço dos filhos influencia a adaptação e coesão familiar (González-Pienda et al., 2003).

No estudo realizado por Braz e colaboradores (2005) com o objetivo de descrever as relações parentais e conjugais, as autoras verificaram que a maioria dos cônjuges acredita que o seu relacionamento influencia as relações pais-criança de forma direta e indireta, bem como os seus filhos interferem na sua relação conjugal. Assim, consideram fundamental o estudo da influência e a interdependência entre os membros familiares, nos seus diferentes papéis (i.e., marido e pai, mulher e mãe) e entre os subsistemas familiares, parental e conjugal, cuja complexidade e consequências interferem no desenvolvimento infantil.

Estas autoras observaram que as relações conjugais satisfatórias fornecem apoio e suporte aos pais para desempenhar relações parentais de boa qualidade, favorecendo a manutenção de uma relação positiva com os seus filhos, e concluíram que uma boa relação marital estimula a partilha de tarefas domésticas e práticas de educação entre pais e mães, promovendo o desenvolvimento de sentimentos de segurança nos filhos. Estes resultados sugerem que as intervenções dirigidas para aumentar a qualidade das relações parentais podem ser acentuadas se forem dirigidas para as dificuldades conjugais.

Diversos aspetos podem afetar o funcionamento familiar, como os acontecimentos de vida stressantes, conflitos familiares, etapas de desenvolvimento, tensões intra-familiares, entre outros, os quais podem conduzir a variações nos níveis de coesão e adaptação familiar. Tal requer a adoção de novas estratégias para lidar com as diferentes situações, implicando a adaptação da família a novas mudanças, podendo desta forma conduzir a uma melhoria do funcionamento familiar (Olson, 2000).

Os programas de intervenção dirigidos às famílias são fundamentais na medida em que podem contribuir para o bem-estar das famílias e assim, melhorar o

desenvolvimento integral das crianças e adolescentes (Martín et al., 2004). Assim, a família deve responder a mudanças internas e externas e deve ser capaz de transformar-se, de modo a que lhe permita encarar novas circunstâncias, sem perder a sua continuidade. Esta última deverá constituir-se como um marco de referência e de sentido de identidade para os seus membros (Rodrigo et al., 2008).

## *Capítulo II.*

---

## 2. Parte empírica

---

### 2.1 Objetivo geral e objetivos específicos

São objetivos gerais do presente estudo:

- a) a análise das características psicométricas da escala FACES III numa amostra de mães portuguesas da população geral;
- b) o estudo das relações entre as variáveis sociodemográficas e familiares, a adaptabilidade e a coesão familiares.

Como objetivos específicos pretendemos estudar:

- a) a fidelidade do instrumento (através da análise da sua consistência interna);
- b) a validade de constructo do instrumento (efetuar a sua análise fatorial e as intercorrelações entre os itens da escala).

## *Capítulo III.*

---

## 3. Método

---

### 3.1 Desenho do Estudo

Trata-se de um estudo quantitativo, com desenho transversal e com um plano descritivo-correlacional (Ribeiro, 1999b). De acordo com Almeida e Freire (2003), o método correlacional consegue ir para além da mera descrição dos fenómenos, permitindo estabelecer a relação entre as variáveis e quantificando tais relações, embora sem podermos fazer inferências de causalidade ao nível das relações encontradas.

Uma vez que este estudo tem um carácter exploratório, não foram formuladas hipóteses, apenas delimitados os objetivos atrás descritos.

### 3.2 Amostra

Para a realização deste estudo, foram inquiridas um total de 120 mães portuguesas da população geral.

#### 3.2.1 Técnica de amostragem

Trata-se de uma amostragem intencional, uma vez que foram selecionadas as participantes, através do método de bola de neve desenvolvido por Almeida e Freire (2003).

#### 3.2.2 Critérios de seleção da amostra

Os critérios de seleção da amostra podem dividir-se em critérios de inclusão e critérios de exclusão.

Os critérios de inclusão neste estudo foram os seguintes:

- mães de crianças entre os 0 e os 18 anos a residir no agregado familiar;
- mães que pertençam a famílias consideradas normativas

Os critérios de exclusão foram:

- mães portadoras de problemas cognitivos que sejam impeditivos de compreensão das questões constantes nos instrumentos utilizados para a recolha de informação e do tipo de estudo (a nível de voluntariedade e de participação);
- indicação de um organismo público como família carenciada ou de risco psicossocial;

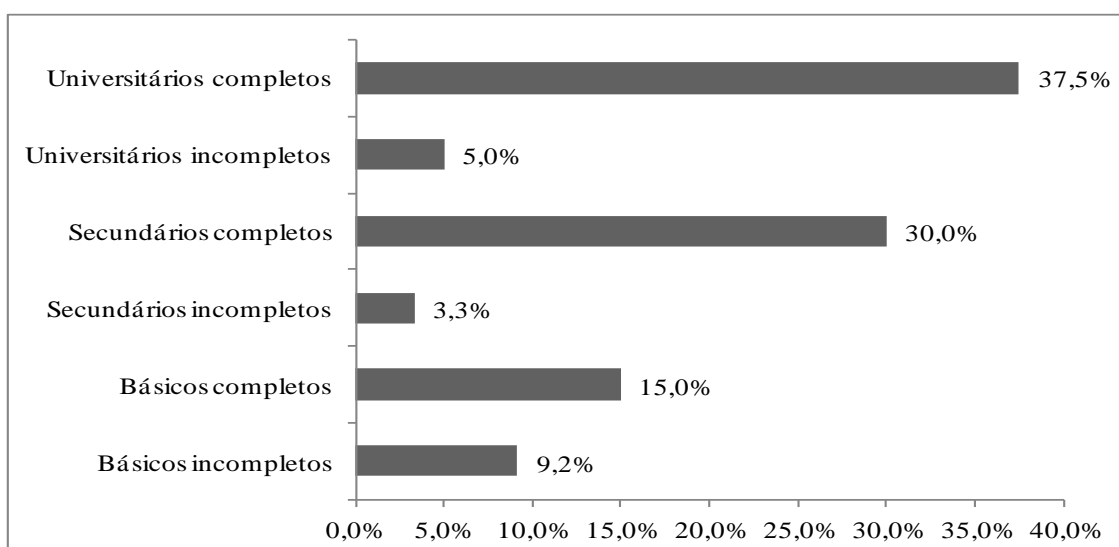
### 3.2.3 Características da amostra

A amostra do presente estudo é constituída por 120 mães, com idades compreendidas entre os 21 e os 58 anos, onde a média corresponde a 38,57 anos e o desvio-padrão é igual a 7,21, tal como se pode observar na Tabela 1. Além disso, todas as participantes tinham nacionalidade portuguesa.

**Tabela 1.** Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos da idade, número de filhos e de anos na relação marital

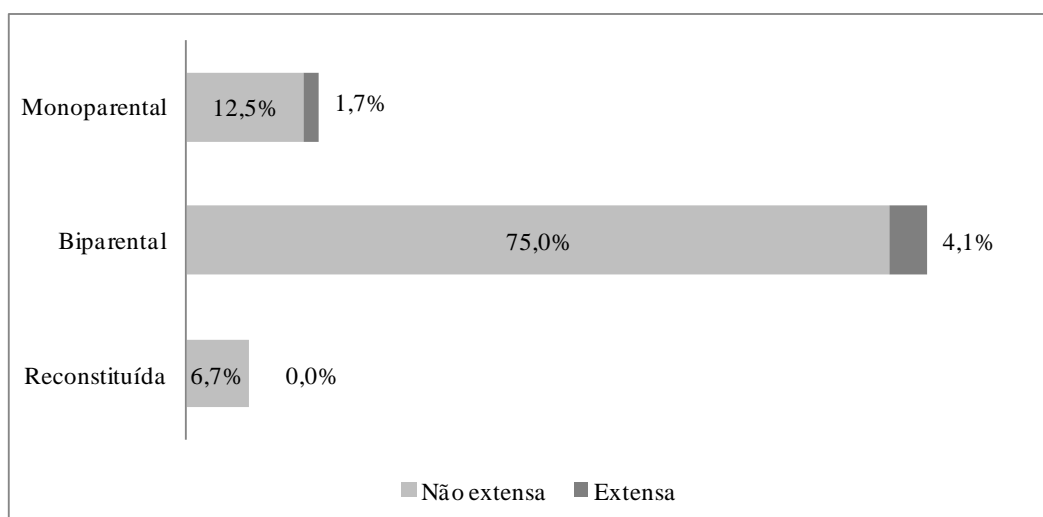
	N	M	DP	Mínimo	Máximo
Idade	120	38,57	7,21	21	58
Número de filhos	120	1,73	0,67	1	5
Anos de relação marital	103	13,04	7,41	2,00	30,00

Quanto ao nível educativo, como podemos observar na Figura 2, a maioria das mães entrevistadas apresenta um nível de escolaridade elevado, uma vez que 37,5% (n = 45) possui estudos universitários completos e 5,0% (n = 6) não completou o ensino superior. Além disso, observa-se que 30,0% (n = 36) e 3,3% (n = 4) possuem os estudos secundários completos e incompletos, respetivamente. No entanto, é de salientar que 15,0% (n = 18) completou os estudos básicos e 9,2% (n = 11) não concluiu o ensino básico relativo a 9 anos de escolaridade.



**Figura 2.** Nível de Escolaridade

No que respeita à estrutura familiar, na Figura 4, pode-se observar que 14,2% (n = 17) representa famílias monoparentais, onde 1,7% (n = 2) diz respeito, ainda, a famílias alargadas. Nas famílias biparentais, verifica-se que a grande maioria é não extensa (n = 90; 75,0%), sendo que somente 4,1% (n = 5) refere-se a famílias alargadas. Relativamente ao tipo de família reconstituída, ainda na Figura 4, apenas 8 mães relatam que vivem condições de uma nova união marital (6,7%). É de salientar que nas famílias reconstituídas não vivem outros membros familiares (e.g., avós, sobrinhos, tios, primos, pais, etc.), não constituído, assim, famílias alargadas.



**Figura 4.** Tipo de Família

### 3.3 Instrumentos de Recolha de Dados

#### 3.3.1 Questionário de dados sociodemográficos

O referido questionário tem como principal objetivo recolher informações sociodemográficas (e.g., idade e nível educativo), familiares (e.g., tipologia familiar; número de indivíduos que compõem o agregado familiar e a estabilidade do mesmo), laboral (e.g., situação laboral, rendimentos, tipos de trabalho) e económicas (e.g., rendimentos familiares; número de membros familiares que contribuem para a economia familiar; a existência ou não de apoios sociais). O questionário enunciado foi desenvolvido por Nunes, Lemos, e Guimarães (2011).

### **3.3.2 Escala de avaliação da adaptabilidade e coesão familiares III**

A FACES (Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale) (versão III) foi desenvolvida por Olson, Portner, & Lavee (1985). A tradução e adaptação para a população portuguesa foi desenvolvida por Curral, Dourado, Torres, Barros, Palha, e Almeida (1999), com base no Modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar (Olson, & Gorral, 2003) que tem como principal objetivo analisar o comportamento das famílias, integrando dois conceitos-chave: a coesão e a adaptabilidade.

De acordo com este modelo, a coesão familiar define-se pelas ligações afetivas que existem entre os vários elementos da família e o grau de autonomia que individualmente apresentam no sistema familiar. Para tal, é importante ter em consideração as obrigações emocionais, os limites e alianças, o espaço e tempo destinados a cada um, os amigos comuns e individuais, interesses e atividades de lazer. São hipotetizados vários níveis de coesão, desde níveis extremos, que são vistos normalmente como problemáticos, a níveis equilibrados, referente a indivíduos capazes de experiências independentes e simultaneamente, ligados à sua família.

A adaptabilidade familiar define-se pela capacidade do sistema para mudar a sua estrutura, relações de poder, os papéis e regras, em resposta a situações de stresse, quer sejam devidas a crises situacionais ou a crises de desenvolvimento. Níveis extremos de adaptabilidade familiar sugerem dificuldades no funcionamento familiar e níveis médios são mais adequados ao funcionamento familiar porque têm mais capacidade de mudar quando é necessário.

Assim, os valores extremos são mais esperados em famílias disfuncionais, enquanto os valores médios serão indicadores de famílias saudáveis.

A Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale - FACES - é uma escala de auto- preenchimento constituída por 20 itens. As respostas dadas pelos participantes ocorrem numa escala tipo likert (de 1 a 5 pontos, no qual 1 corresponde a “nunca ou quase nunca”; 2 corresponde a “poucas vezes”; 3 corresponde “às vezes”; 4 corresponde “com frequência”; 5 corresponde “quase sempre”). Os participantes são instruídos para que descrevam da melhor forma a sua família na atualidade. A escala pode ser administrada ou aplicada às famílias em qualquer fase do seu ciclo vital. Os itens avaliam a coesão e a adaptabilidade percebida e idealizada (10 itens são relativos à

coesão e 10 relativos à adaptabilidade). A escala é aplicada a partir dos 12 anos e ao longo do ciclo de vida familiar. Apesar de Olson (1994) referir que o FACES III não é um instrumento adequado para operacionalizar corretamente o Modelo Circumplexo do funcionamento familiar, o FACES III permite quantificar a coesão e a adaptabilidade e caracterizar as famílias em equilibradas, intermédias e extremas. Também é possível calcular o grau de satisfação, calculando a diferença entre as pontuações de coesão e adaptabilidade idealizadas e percebidas.

Na dimensão coesão foram definidos quatro tipos num contínuo de um valor mais baixo para um mais alto: desligada (pouca ligação afetiva, falta de lealdade, grande independência); separada (baixa a moderada ligação afetiva, pouca lealdade, interdependente); ligada (moderada a alta ligação afetiva, alguma lealdade, independente); e emaranhada (ligação afetiva muito elevada, muita lealdade, muita dependência). A coesão é uma característica implícita na cultura ocidental, ao ponto de constituir um ideal para algumas famílias. Também na dimensão adaptabilidade foram definidos quatro grupos: rígido (em que o líder é autoritário, os papéis poucas vezes mudam, a disciplina é rigorosa e existe pouca mudança); estruturada (por vezes a liderança é compartilhada, os papéis são estáveis, por vezes alguma democracia na disciplina e existe mudança quando exigida); flexível (a liderança é compartilhada, os papéis são partilhados, a disciplina é democrática, existe mudança quando necessário); e caótica (ausência de liderança, há troca dramática de papéis, a disciplina é irregular e acontece demasiada mudança) (Figura 9).



**Figura 9.** Caracterização das famílias segundo o Modelo Circumplexo Tridimensional (Olson, 1991)

### **3.4 Procedimentos**

#### **3.4.1 Recolha de dados**

A recolha dos dados foi efetuada junto de mães de famílias da população geral através do método de bola de neve desenvolvido por Almeida e Freire (2003).

A participação foi voluntária e anónima e a recolha dos dados realizou-se no domicílio das famílias e em locais com condições apropriadas à aplicação de um instrumento de avaliação, em conjunto com outros instrumentos que não fazem parte do presente estudo. Cada entrevista teve a duração aproximada de 60 minutos.

#### **3.4.2 Tratamentos e análise dos dados**

Após a recolha dos dados, os resultados foram analisados através do programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) - versão 21, primeiramente recorreremos a estatística descritiva: frequências absolutas e relativas, médias, medianas, desvios-padrão, máximos e mínimos. Para estabelecer relações de associação e realizar os contrastes de proporções e médias utilizou-se as seguintes medidas de estatística inferencial: Correlações de Pearson e de Spearman; Mann-Whitney; e, Kruskal-Wallis, consoante a natureza métrica das variáveis.

O nível utilizado para avaliar a significância dos testes estatísticos realizados foi de 0.05.

## *Capítulo IV.*

---

## 4. Apresentação e análise de resultados

Após a descrição da metodologia do estudo, o presente capítulo foca-se na apresentação e análise dos resultados obtidos. Deste modo, em primeiro lugar, abordam-se as características sociodemográficas e familiares das mães entrevistadas. Seguidamente, apresentamos os níveis de Adaptabilidade e de Coesão Familiar obtidos, bem como, descrevemos as características psicométricas do FACES-III referentes à presente amostra. Posteriormente analisamos as relações existentes entre as variáveis em estudo, como ainda, as diferenças nos índices de Adaptabilidade e de Coesão Familiar em função das características sociodemográficas e familiares.

### 4.1 Dados Sociodemográficos e Familiares

#### 4.1.1 Caracterização Individual

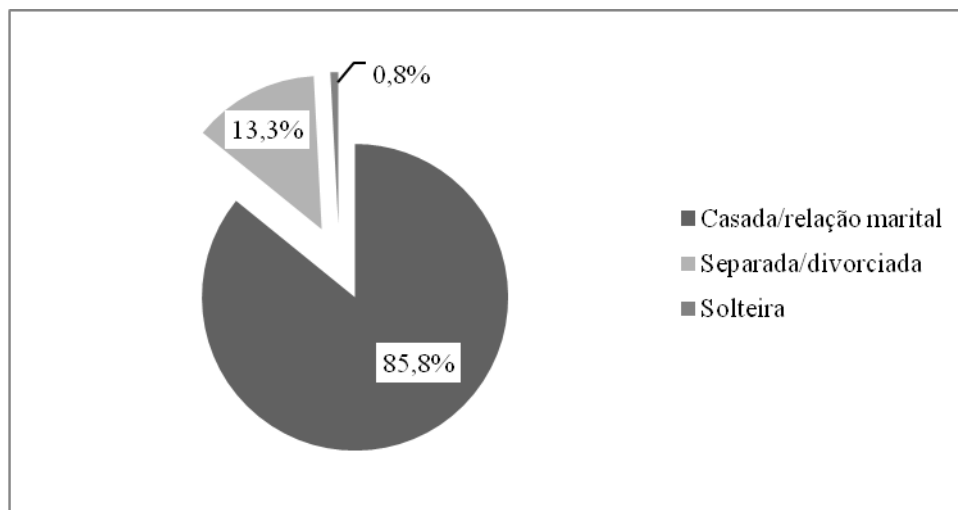
A amostra do presente estudo, tal como mencionado no capítulo anterior, é constituída por 120 mães, com idades compreendidas entre os 21 e os 58 anos, onde a média corresponde a 38,57 anos e o desvio-padrão é igual a 7,21, tal como se pode observar na Tabela 1. Além disso, todas as participantes tinham nacionalidade portuguesa.

**Tabela 1.** Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos da idade, número de filhos e de anos na relação marital

	N	M	DP	Mínimo	Máximo
Idade	120	38,57	7,21	21	58
Número de filhos	120	1,73	0,67	1	5
Anos de relação marital	103	13,04	7,41	2,00	30,00

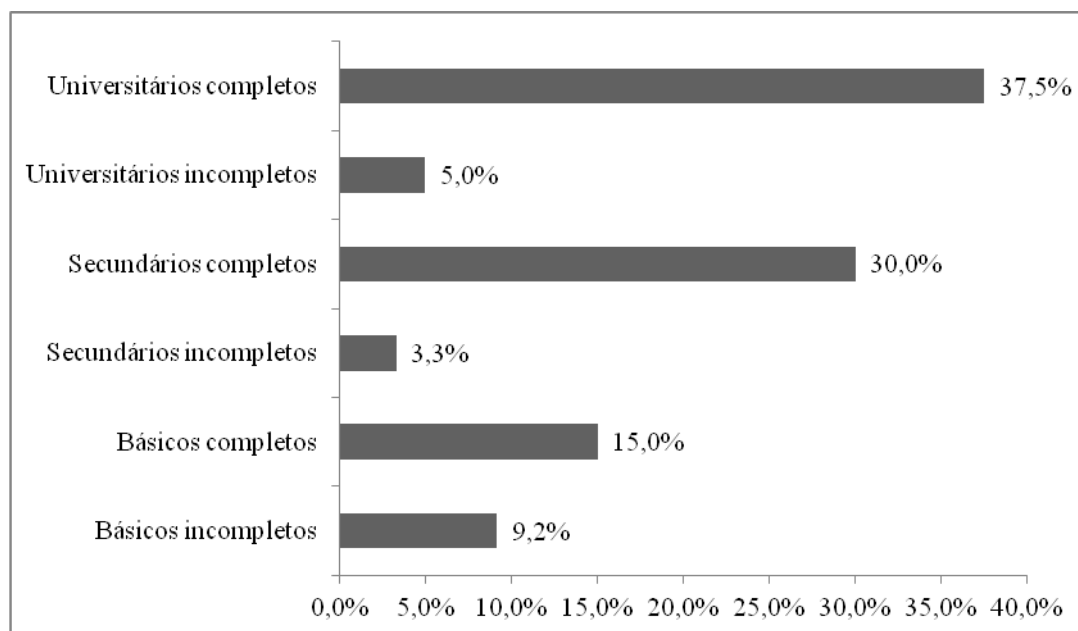
Ainda na Tabela 1, constata-se que as participantes têm, em média, 1,73 filhos, num intervalo de 1 a 5 menores (DP = 0,67). Além disso, todos os menores eram filhos biológicos das inquiridas.

Relativamente à situação marital (Figura 1), observa-se que a grande maioria é casada ou mantém uma relação marital (85,8%; n = 103), sendo que a duração média da mesma (Tabela 1) corresponde a 13,04 anos, num intervalo de 2 a 30 anos (DP = 7,41). Ainda na Figura 1, verifica-se que 13,3% (n = 16) das mães estão separadas e/ou divorciadas, existindo, somente uma mãe solteira (0,8%) na presente amostra.



**Figura 1.** Situação Marital

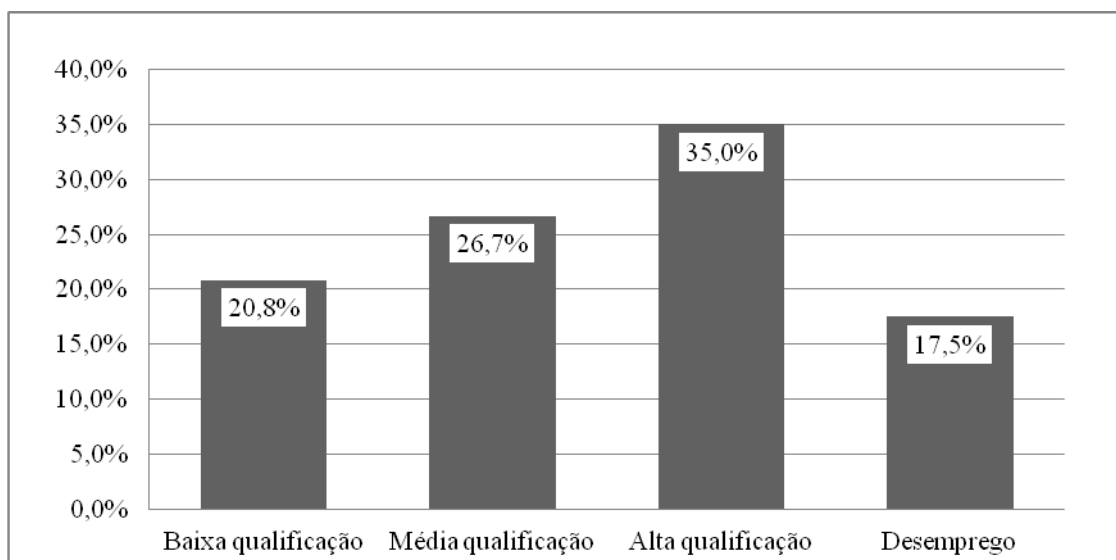
Seguidamente, na Figura 2, estão representadas os níveis de escolaridade das mães entrevistadas.



**Figura 2.** Nível de Escolaridade

Quanto ao nível educativo, a observação da Figura 2, permite afirmar que a maioria das mães entrevistadas apresenta um nível de escolaridade elevado, uma vez que 37,5% (n = 45) possui estudos universitários completos e 5,0% (n = 6) não completou o ensino superior. Além disso, observa-se que 30,0% (n = 36) e 3,3% (n = 4) possuem os estudos secundários completos e incompletos, respetivamente. No entanto,

é de salientar que 15,0% (n = 18) completou os estudos básicos e 9,2% (n = 11) não concluiu o ensino básico relativo a 9 anos de escolaridade.



**Figura 3.** Tipo de Trabalho

No que diz respeito à situação laboral das mães (Figura 3), verifica-se que apenas uma pequena porção encontra-se desempregada (n = 21; 17,5%). Deste modo, dos 82,5% (n = 99) relativos às mães empregadas, 20,8% (n = 25) possui trabalhos de baixa ou nula qualificação, enquanto 26,7% (n = 32) e 35,0% (n = 42) têm empregos de média e alta qualificação, respetivamente.

A seguir na Tabela 2, pode-se observar outros aspetos relativos à situação laboral, nomeadamente, a regularidade do emprego e a existência de contrato de trabalho.

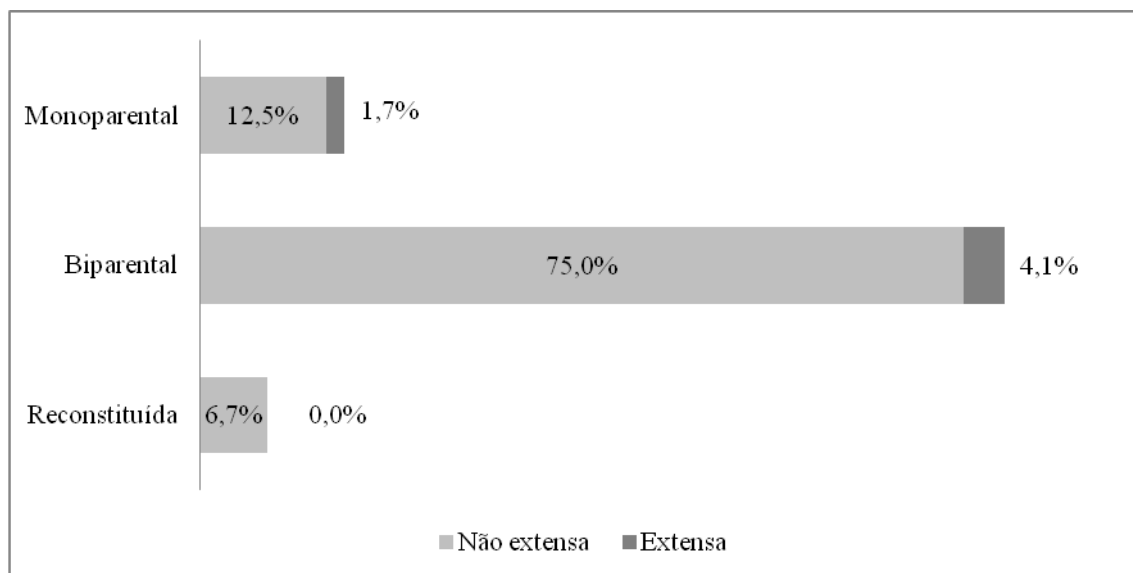
**Tabela 2.** Situação Laboral

	Regularidade		Contrato	
	n	%	n	%
Sim	87	87,9%	81	81,8%
Não	12	12,1%	18	18,2%
<b>Total</b>	99	100,0%	99	100,0%

Deste modo, observa-se que a grande maioria das participantes tem empregos estáveis (n = 87; 87,9%) e contrato de trabalho (n = 81; 81,8%).

## 4.2 Caracterização Familiar

Nesta secção explora-se o contexto familiar das mães, nomeadamente, o tipo de família, a estabilidade familiar, a composição do agregado familiar, os rendimentos laborais e familiares, a estrutura da habitação e as condições de sobrelotação.



**Figura 4.** Tipo de Família

Na Figura 4, pode-se observar que 14,2% ( $n = 17$ ) representa famílias monoparentais, onde 1,7% ( $n = 2$ ) diz respeito, ainda, a famílias alargadas. Nas famílias biparentais, verifica-se que a grande maioria é não extensa ( $n = 90$ ; 75,0%), sendo que somente 4,1% ( $n = 5$ ) refere-se a famílias alargadas. Relativamente ao tipo de família reconstituída, ainda na Figura 4, apenas 8 mães relatam que vivem condições de uma nova união marital (6,7%). É de salientar que nas famílias reconstituídas não vivem outros membros familiares (e.g., avós, sobrinhos, tios, primos, pais, etc.), não constituído, assim, famílias alargadas.

Relativamente à estabilidade familiar, a grande maioria refere que vivem em condições estáveis ( $n = 116$ ; 96,7%), onde apenas quatro mães (3,3%) relatam que, no respetivo meio familiar, existe instabilidade familiar (i.e., entrada ou saída de outros membros familiares; e.g., avós, pais, sobrinhos, irmãos, entre outros).

A seguir, na Tabela 3, pode-se observar a composição do agregado familiar das participantes.

**Tabela 3.** Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos da composição do agregado familiar

	N	M	DP	Mínimo	Máximo
Número de pessoas que convivem no lar	120	3,65	0,91	2	7
Menores de 18 anos no agregado familiar	120	1,43	0,62	0	4
Menores de 14 anos no agregado familiar	120	1,08	0,68	0	2
Número de pessoas na família extensa	120	0,12	0,49	0	3

Assim, verifica-se que o agregado familiar é composto, em média, por 3,65 pessoas; 1,43 menores de 18 anos; 1,08 menores de 14 anos e 0,12 pessoas extensas (i.e., avós, pais, sobrinhos, tios, primos, netos).

Além disso, constata-se que as famílias são compostas no mínimo por duas pessoas e no máximo por 7 indivíduos (DP = 0,91), enquanto nos menores, os valores mínimos foram de 0 para ambos os tipos de menores e existe, no máximo, 4 menores de 18 anos (DP = 0,62) e 2 menores de 14 anos (DP = 0,68). O número de pessoas que compõem a família alargada varia entre os 0 e os 3 indivíduos (DP = 0,49).

Na Tabela 4 estão apresentadas os dados descritivos referentes aos rendimentos que provêm somente do trabalho das mães entrevistadas e os orçamentos mensais do agregado familiar das mesmas.

**Tabela 4.** Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos dos rendimentos laborais e familiares

	N	M	DP	Mínimo	Máximo
Rendimentos laborais da própria	81	887,45	472,66	100	3000
Rendimentos familiares	98	1615,73	954,73	420	6000
Número de rendimentos combinados <sup>1</sup>	120	1,98	0,59	1	4

Deste modo, verifica-se que, mensalmente, os rendimentos laborais oscilam entre os 100 e os 3000 euros, onde a dispersão das respostas corresponde a 472,66. Em média, as mães empregadas recebem, por mês, 887,45 euros.

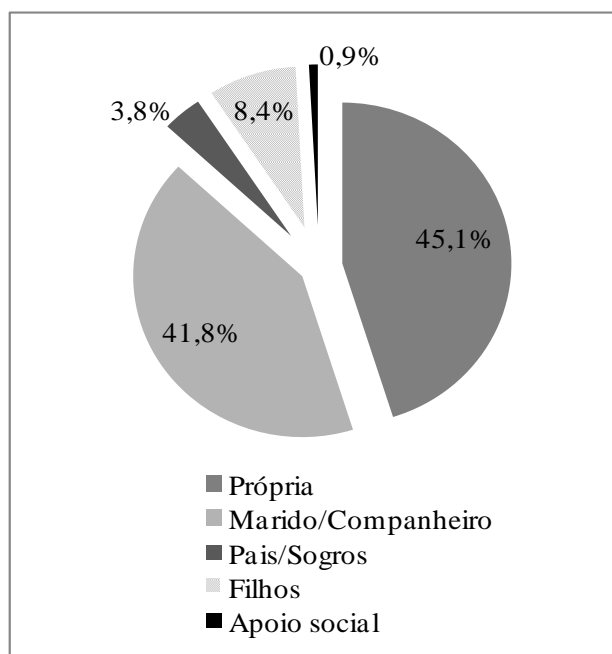
Os rendimentos familiares derivam, essencialmente, do trabalho (n = 118; 98,3%) e somente 1,7% das participantes (n = 2) refere que os ingressos advêm da combinação entre trabalho e apoio social<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Referente às diferentes fontes de rendimentos (i.e., própria, marido/companheiro, pais/sogros, filhos e apoio social).

<sup>2</sup> Rendimento Social de Inserção (RSI).

Além disso, ainda na Tabela 4, observa-se que o valor médio dos rendimentos familiares corresponde a 1615,73 euros mensais, variando entre os 420 e os 6000 euros (DP = 954,73).

No que se refere às fontes de rendimentos<sup>3</sup> (Tabela 4), pode-se constatar que, em média, os ingressos provêm, aproximadamente, de duas fontes distintas (M = 1,98), num intervalo de 1 a 4 (DP = 0,59).



**Figura 5.** Proveniência dos rendimentos familiares

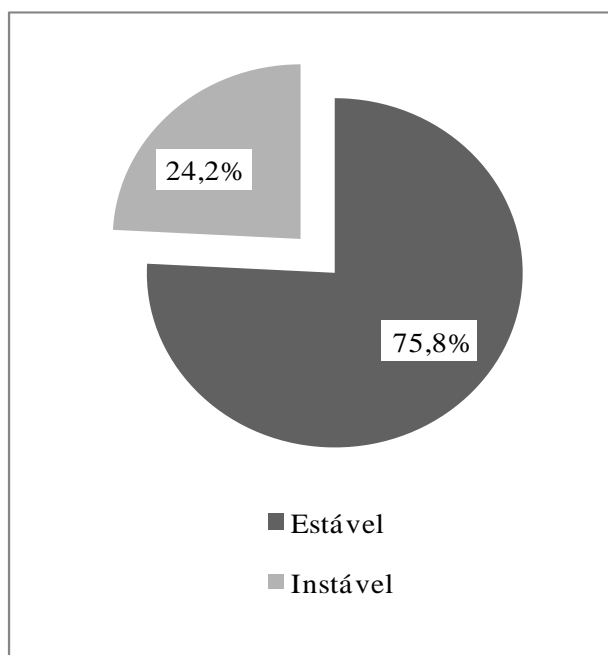
Na Figura 5, pode-se observar os diferentes contribuidores nos ingressos familiares. Assim, a própria mãe entrevistada (n = 107; 45,1%) e o marido e/ou companheiro da mesma (n = 99; 41,8%), surgem como as principais fontes de rendimento. Verifica-se, ainda, que 3,8% dos rendimentos (n = 9) advêm dos pais e/ou sogros, 8,4% (n = 20) provêm dos filhos<sup>4</sup> e apenas 0,9% (n = 2) refere-se ao apoio social.

Relativamente à estabilidade dos rendimentos familiares (Figura 6), constata-se que 75,8% (n = 91) das mães entrevistadas refere que são estáveis (i.e., os rendimentos vêm todos os meses e/ou o valor dos mesmos tem pouca variabilidade que não afeta o

<sup>3</sup> As fontes de rendimento consideradas no presente estudo foram: a) Própria; b) Marido/Companheiro; c) Filhos; d) Pais/Sogros, e) Apoio Social; e, f) Outros.

<sup>4</sup> A maioria refere-se aos abonos familiares e às pensões de alimentação.

orçamento familiar), enquanto que 24,2% (n = 29) das participantes relata que os seus ingressos são instáveis.



**Figura 6.** Estabilidade dos rendimentos familiares

Em seguida, apresenta-se a estrutura das habitações das mães, nomeadamente, o número de quartos, o tamanho do lar e as condições de sobrelotação (Tabela 5).

**Tabela 5.** Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos relativos à habitação

	N	M	DP	Mínimo	Máximo
Número de quartos na habitação	120	2,98	0,84	1	7
Tamanho da habitação (m <sup>2</sup> )	120	130,03	47,09	50	300
Sobrelotação (m <sup>2</sup> / n <sup>o</sup> de habitantes)	120	36,80	12,89	12,50	90,00

No que concerne à habitação das participantes (Tabela 5), verifica-se que o tamanho médio das casas corresponde a 130,03 m<sup>2</sup>, sendo que a dimensão mínima e máxima é de 50 e 300 m<sup>2</sup>, respetivamente, e o desvio-padrão é igual a 47,09. Quanto ao número de quartos, ainda na Tabela 5, observa-se que as habitações têm, em média, 2,98 quartos. Constata-se ainda que as habitações das mães têm entre 1 a 7 quartos (DP = 0,84).

Relativamente ao espaço físico que existe por habitante, constatou-se que somente uma mãe vive em condições de sobrelotação<sup>5</sup> (0,8%).

### 4.3 Níveis de Adaptabilidade e de Coesão Familiar

Primeiramente apresentam-se os descritivos gerais das dimensões que compõem o instrumento FACES e, em segundo lugar, explora-se a relação entre a Adaptabilidade Familiar e a Coesão Familiar.

**Tabela 6.** Descritivos das dimensões de Adaptabilidade e de Coesão Familiar (N = 120)

	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Adaptabilidade Familiar	28,77	5,74	15	47
Coesão Familiar	38,82	6,15	17	50

No que concerne à Adaptabilidade Familiar (Tabela 6), observa-se que os valores oscilam entre os 15 e os 47 pontos e a dispersão das respostas corresponde a 5,74. Em média, as mães têm um nível de adaptabilidade familiar igual a 28,77. Tendo em conta a amplitude desta subescala do FACES (Min = 10; Max = 50), pode-se considerar que a presente amostra apresenta uma adaptabilidade familiar ligeiramente elevada.

Por sua vez, a Coesão Familiar, comparativamente à Adaptabilidade Familiar, revela uma maior pontuação média (M = 38,82), onde os valores situam-se num intervalo de 17 a 50 pontos e o desvio-padrão é igual a 6,15. Dado que o valor mínimo e máximo desta subescala é de 10 e 50, respetivamente, pode-se afirmar que as mães têm um nível de coesão familiar consideravelmente elevado.

A seguir, na Tabela 7, podem-se observar as pontuações ponderadas das dimensões de Adaptabilidade e de Coesão Familiar. Estas pontuações obtêm-se ao dividir o valor médio de cada dimensão pelo seu respetivo número de itens.

<sup>5</sup> Considera-se que existe sobrelotação quando há menos de 15 m<sup>2</sup> por habitante.

**Tabela 7.** Pontuações ponderadas da Adaptabilidade e Coesão Familiar (N = 120)

	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Adaptabilidade Familiar	2,88	0,57	1,50	4,70
Coesão Familiar	3,88	0,61	1,70	5,00

Assim, a comparação das diferentes pontuações ponderadas obtidas para cada dimensão da FACES (Tabela 7), permite verificar que os participantes apresentam uma maior coesão familiar e menor adaptabilidade familiar.

**Tabela 8.** Correlações entre a Adaptabilidade Familiar e a Coesão Familiar (N = 120)

	<b>Adaptabilidade Familiar</b>	<b>Coesão Familiar</b>
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	–	<b>,533<sup>***</sup></b>
<b>Coesão Familiar</b>		–

\*  $p < ,05$ ; \*\*  $p < ,01$ ; \*\*\*  $p < ,001$ ; #  $p < ,10$

Na Tabela 8, observa-se que a relação entre a Adaptabilidade Familiar e a Coesão Familiar é significativa e positiva ( $r_{(120)} = ,533$ ;  $p = ,000$ ). Além disso, trata-se de uma associação moderada, uma vez que o valor do  $r$  de *Pearson* situa-se entre os 0,40 e os 0,60.

#### **4.7 Propriedades Psicométricas do Instrumento FACES**

No presente trabalho, a análise das propriedades psicométricas do instrumento FACES incidiu sobre a fidelidade e a análise fatorial exploratória.

##### **4.7.1 Consistência Interna**

A fidelidade dos resultados num instrumento diz respeito ao grau de confiança ou de exatidão que se pode ter na informação obtida. A consistência interna ou homogeneidade dos itens representa um dos métodos de cálculo da fidelidade e refere-se ao grau em que os itens que compõem determinado instrumento apresentam-se como um todo homogêneo. Assim, a consistência interna representa o grau de uniformidade ou de coerência entre as respostas dos indivíduos a cada um dos itens que constituem um determinado instrumento. Considerando que as respostas aos itens do FACES são

do tipo Likert de cinco pontos, que se distribuem numa escala ordinal, recorreu-se ao coeficiente alfa de Cronbach<sup>6</sup> para medir a consistência interna.

Na Tabela 9, podem se observar os valores do alfa de Cronbach para cada dimensão do instrumento FACES.

**Tabela 9.** Consistência interna das dimensões Adaptabilidade e Coesão Familiar (N = 120)

	$\alpha$	$M r_{it}$ <sup>7</sup>
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	,670	,169
<b>Coesão Familiar</b>	,805	,301

Relativamente à consistência interna do instrumento FACES (Tabela 9), observa-se que os valores do alfa de *Cronbach* foram muito satisfatórios na dimensão Coesão Familiar ( $\alpha = ,805$ ), porém insatisfatórios na Adaptação Familiar, visto que o valor do alfa é inferior a 0,70. Deste modo, atendendo aos valores do alfa, pode-se afirmar que a consistência interna é boa na Coesão Familiar, porém fraca na Adaptabilidade Familiar.

Além disso, ainda na Tabela 9, constata-se que a correlação média inter-item foi de 0,301 para a Coesão Familiar e de 0,169 para Adaptabilidade Familiar. Para não existir redundância entre os itens, os valores da correlação inter-item devem estar compreendidos entre os 0,20 e os 0,40 (Field, 2009; Pestana & Gageiro, 2005). Assim, somente a Coesão Familiar apresentou um bom índice de intercorrelação entre os itens.

A seguir, na Tabela 10, podem observar-se as correlações item-total e os valores do alfa de Cronbach se determinado item for eliminado.

As correlações item-total referem-se às relações existentes entre cada item e a pontuação total do instrumento. De acordo com Field (2009), os valores superiores a 0,30 são considerados aceitáveis. Quando os valores são inferiores a 0,30 o autor sugere que os itens devem ser retirados, uma vez que significa que um dado item não se correlaciona muito bem com a escala global e por este motivo não deve ser mantido.

<sup>6</sup> De acordo com Pestana e Gageiro (2008), os valores do alfa de Cronbach variam de 0 a 1 e, com base nesses valores, a consistência interna pode ser muito boa ( $\alpha > 0,9$ ), boa ( $0,8 < \alpha < 0,9$ ), razoável ( $0,7 < \alpha < 0,8$ ), fraca ( $0,6 < \alpha < 0,7$ ) e, por último, inadmissível ( $\alpha < 0,6$ ).

<sup>7</sup> Média da correlação inter-item.

**Tabela 10.** Consistência interna das dimensões do FACES e respectivos itens (N = 120)

	Correlação Item-Total ( <i>Mdn r<sub>it</sub></i> )	$\alpha$ se item eliminado
<b>Coesão Familiar</b> ( $\alpha = ,805$ )		
Os membros da família pedem ajuda uns aos outros ( <b>item 1</b> )	,429	,795
Tanto os pais quanto os filhos aceitamos os amigos que cada um tem ( <b>item 3</b> )	,235	,811
Gostamos de fazer coisas nas quais estejamos só nós ( <b>item 5</b> )	,127	,828
Os membros da nossa família sentem-se mais unidos entre si que com outras pessoas que não são da família ( <b>item 7</b> )	,300	,812
Os membros da nossa família gostam de passar o tempo livre juntos ( <b>item 9</b> )	,591	,776
Os membros da nossa família sentem-se muito unidos ( <b>item 11</b> )	,734	,760
Quando nos reunimos para alguma atividade, todos estamos presentes ( <b>item 13</b> )	,643	,769
Facilmente pensamos em coisas que podemos fazer em família ( <b>item 15</b> )	,663	,766
Os membros da família consultam-se para tomar decisões ( <b>item 17</b> )	,635	,769
A união familiar é muito importante para nós ( <b>item 19</b> )	,580	,782
<b>Adaptabilidade Familiar</b> ( $\alpha = ,670$ )		
Quando solucionamos problemas, costumamos ter em conta as opiniões dos nossos filhos ( <b>item 2</b> )	,429	,629
Quando pomos normas em casa, temos em conta a opinião dos nossos filhos ( <b>item 4</b> )	,434	,626
Há distintas pessoas que mandam dentro da nossa família ( <b>item 6</b> )	,194	,677
Na nossa família mudamos a maneira de fazer as coisas ( <b>item 8</b> )	,237	,662
Nós, pais e filhos, decidimos juntos os castigos ( <b>item 10</b> )	,478	,612
Na nossa família são os filhos que tomam as decisões ( <b>item 12</b> )	,268	,657
As regras e as normas mudam na nossa família ( <b>item 14</b> )	,375	,639
Fazemos turnos para as responsabilidades da casa ( <b>item 16</b> )	,460	,619
É fácil saber quem manda na nossa família ( <b>item 18</b> )	,366	,639
É fácil dizer quem realiza cada tarefa doméstica na nossa casa ( <b>item 20</b> )	,099	,690

Deste modo, na Tabela 10, verifica-se que apenas em 6 itens se registaram valores de correlação inter-total inferiores a 0,30, sendo que dois correspondem a itens de Coesão Familiar (i.e., itens 3 e 5) e os restantes representam a Adaptabilidade Familiar (i.e., itens 6, 8, 12, 20). É de salientar que o item 20, referente à Adaptabilidade Familiar, apresenta o pior índice de correlação item-total (,099). Além disso, na Coesão Familiar, a maior correlação observada foi entre o item 11 e os restantes (,734), enquanto na Adaptabilidade, o item 10 registou o melhor índice de correlação item-total (,478).

A observação da segunda coluna na Tabela 10, referente ao valor do alfa de Cronbach se o item fosse eliminado, permite saber o efeito de cada item na consistência interna das dimensões de Adaptabilidade e de Coesão Familiar. Deste modo, na Coesão Familiar, verifica-se que eliminando o item 5, o alfa aumentaria de 0,805 para 0,828, enquanto a eliminação do item 11, a consistência interna passaria de boa para razoável, uma vez que o valor do alfa diminuiria para 0,760, sugerindo que é o item mais importante na consistência interna da Coesão Familiar e, por isso, deve ser mantido.

Na dimensão Adaptabilidade Familiar, verifica-se um aumento ligeiro da consistência interna ao eliminar o item 20, onde o alfa de Cronbach passaria de 0,670 para 0,690. Porém, a consistência interna continuaria a ser fraca. Por outro lado, com a eliminação do item 10, os valores do alfa diminuiriam para 0,612, sugerindo que a consistência interna da Adaptabilidade Familiar depende muito deste item e, portanto, não deve ser eliminado.

#### **4.7.2 Análise Fatorial**

A fim de estudar a validade de construto do instrumento FACES recorreremos ainda à análise fatorial exploratória, através do método de extração de fatores por componentes principais, com rotação ortogonal (i.e., *varimax*) para verificar a carga ou peso de cada item da escala.

A adequação da amostra e a qualidade das correlações foram testadas com a medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett, respetivamente. Assim, a amostra apresentou um tamanho adequado (KMO = ,734)

(valores bons de acordo com Field, 2009<sup>8</sup>) e o teste de esfericidade de Bartlett ( $\chi^2(190) = 829,45$ ;  $p = ,000$ ) indicou que as correlações entre os itens eram suficientemente grandes para proceder à análise dos componentes principais.

Na Tabela 11, observa-se que a análise fatorial exploratória identificou seis fatores independentes para os 20 itens que compõem a escala FACES (*eigenvalues*  $\geq 1,0^9$ ). Além disso, os seis fatores extraídos explicam 63,96% da variância total do instrumento e todos os itens apresentaram uma carga superior a 0,50<sup>10</sup> nos respectivos fatores, com a exceção dos itens 3 e 20 cujos valores foram de 0,472 e de 0,475, respectivamente (Tabela 11).

O primeiro fator é composto por seis itens (i.e., itens 11, 13, 15, 9, 19 e 17) relacionados com a coesão familiar, onde a variância corresponde a 26,34%. O segundo fator, por sua vez, é formado por quatro itens (i.e., itens 2, 4, 1 e 3), explicando 11,63% da variância do instrumento. Este fator parece estar relacionado com a participação dos filhos nas decisões familiares. O fator 3 é composto pelos itens 16, 5, 10 e 18 e representa 8,11% da variância da escala, enquanto o fator 4 possui apenas dois itens (i.e., itens 8 e 14) e a respectiva variância corresponde somente a 8,11%. Além disso, os fatores 3 e 4 parecem também estar relacionados com a adaptabilidade familiar, em que o primeiro corresponde às responsabilidades em casa e o segundo, à adaptabilidade face às mudanças que ocorrem no seio familiar. Por último, relativamente aos fatores 5 e 6, através da Tabela 11, verifica-se que o primeiro é formado por três itens (i.e., 12, 7 e 20), enquanto o segundo é constituído apenas pelo item 6 e as variâncias correspondem a 5,94% e 5,35% do instrumento, respectivamente. O fator 6 parece estar relacionado com a inconsistência parental, enquanto o fator 5 refere-se tanto à tomada de decisão familiar como à coesão na família.

Ainda na Tabela 11, estão representadas, na última coluna, as comunalidades ( $h^2$ ) que referem-se à proporção da variância de cada item incluído na análise que pode ser explicada pelos componentes extraídos. Por exemplo, os seis fatores extraídos explicam 71,8% da variância do item 11.

---

<sup>8</sup> De acordo com Field (2009), os valores de KMO menores que 0,5 são inaceitáveis, entre 0,5 e 0,7 são medíocres, entre 0,7 e 0,8 são bons, entre 0,8 e 0,9 são muito bons e acima de 0,9 são excelentes.

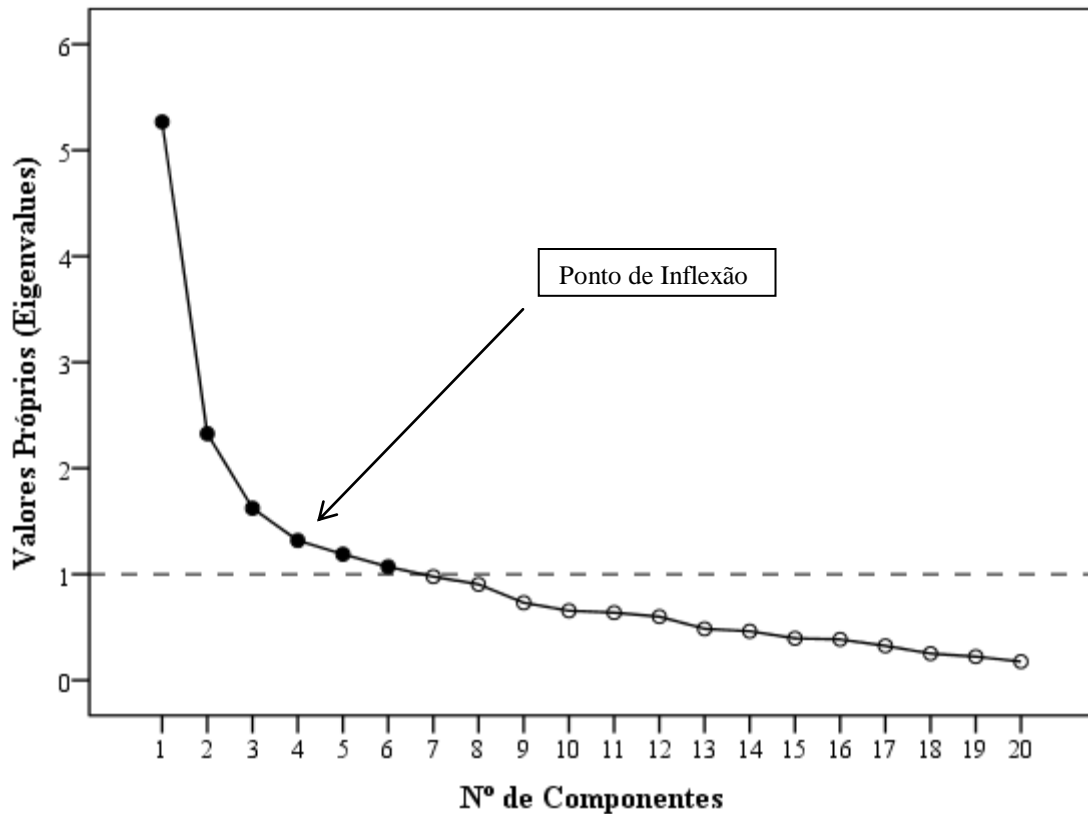
<sup>9</sup> De acordo com a regra de Kaiser, os valores próprios (i.e., *eigenvalues*) superiores a 1,0 correspondem ao número de fatores a reter (Field, 2009).

<sup>10</sup> Critério para qualificação da saturação fatorial:  $r \geq 0,40$ , preferencialmente  $r \geq 0,50$  (Field, 2009).

**Tabela 11.** Análise fatorial exploratória do FACES (N = 120)

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6	h <sup>2</sup>
Os membros da nossa família sentem-se muito unidos (item 11)	<b>,830</b>	,097	,128	,053	,015	-,023	,718
Quando nos reunimos para alguma atividade, todos estamos presentes (item 13)	<b>,814</b>	-,028	,108	-,002	-,051	,036	,680
Facilmente pensamos em coisas que podemos fazer em família (item 15)	<b>,734</b>	,196	,024	,150	-,059	,163	,630
Os membros da nossa família gostam de passar o tempo livre juntos (item 9)	<b>,706</b>	,078	,058	,348	-,171	-,040	,660
A união familiar é muito importante para nós (item 19)	<b>,652</b>	,144	,119	-,093	,217	-,131	,534
Os membros da família consultam-se para tomar decisões (item 17)	<b>,632</b>	,340	,265	-,036	,076	,026	,593
Quando solucionamos problemas, costumamos ter em conta as opiniões dos nossos filhos (item 2)	,114	<b>,833</b>	,134	,142	,067	,084	,756
Quando pomos normas em casa, temos em conta a opinião dos nossos filhos (item 4)	,017	<b>,727</b>	,372	-,025	,031	-,103	,680
Os membros da família pedem ajuda uns aos outros (item 1)	,421	<b>,661</b>	-,213	,064	-,049	,157	,692
Tanto os pais quanto os filhos aceitamos os amigos que cada um tem (item 3)	,092	<b>,472</b>	,352	,079	-,044	-,359	,492
Fazemos turnos para as responsabilidades da casa (item 16)	,231	,118	<b>,661</b>	,058	,221	,018	,557
Gostamos de fazer coisas nas quais estejamos só nós (item 5)	,046	,111	<b>,648</b>	,078	-,251	,030	,504
Nós, pais e filhos, decidimos juntos os castigos (item 10)	,084	,340	<b>,574</b>	,023	,227	,267	,576
É fácil saber quem manda na nossa família (item 18)	,489	-,011	<b>,509</b>	,109	,025	-,046	,513
Na nossa família mudamos a maneira de fazer as coisas (item 8)	,156	,128	-,024	<b>,856</b>	,019	-,105	,785
As regras e as normas mudam na nossa família (item 14)	,024	,024	,227	<b>,769</b>	,146	,204	,707
Na nossa família são os filhos que tomam as decisões (item 12)	-,245	,137	,118	,168	<b>,749</b>	,233	,736
Os membros da nossa família sentem-se mais unidos entre si que com outras pessoas que não são da família (item 7)	,479	-,058	-,285	,214	<b>,508</b>	-,013	,618
É fácil dizer quem realiza cada tarefa doméstica na nossa casa (item 20)	,458	-,107	,105	-,178	<b>,475</b>	-,319	,592
Há distintas pessoas que mandam dentro da nossa família (item 6)	,049	,020	,128	,051	,082	<b>,861</b>	,770
<b>Valores próprios (Eigenvalues)</b>	5,27	2,33	1,62	1,32	1,19	1,07	
<b>Variância explicada (%)</b>	26,34	11,63	8,11	6,59	5,94	5,35	
<b>Variância acumulada (%)</b>	26,34	37,96	46,08	52,67	58,61	<b>63,96</b>	

Segundo Field (2009), os valores das comunalidades devem ser sempre superiores a 0,50 após a extração. Assim, através da Tabela 11, constata-se que todos os itens assumem valores superiores ou próximos a 0,50, com a exceção do item 3 ( $h^2 = 4,92$ ) que apresenta um coeficiente de comunalidade ligeiramente abaixo do valor mínimo aceitável.



**Figura 7.** *Scree-plot* de Cattell com os itens do FACES

Na Figura 7, está representado o gráfico de *scree-plot* e a linha tracejada ilustra o critério de Kaiser ( $eigenvalues > 1$ ). Pelo critério do *scree-plot*, o número apropriado de fatores a reter é o número de fatores que se encontram à esquerda do ponto de inflexão. Neste caso, através da Figura 7, observa-se que devem ser apenas retidos três fatores, correspondendo estes a adap, coes e com???

#### 4.8 Relação entre as Variáveis Sociodemográficas e Familiares, a Adaptabilidade e a Coesão Familiar

Na presente secção, exploram-se, primeiramente, as relações existentes entre as distintas variáveis sociodemográficas e familiares. Posteriormente, expõem-se as associações entre estas variáveis e as dimensões de Adaptabilidade e de Coesão Familiar.

Assim, a seguir, na Tabela 12, podem-se observar as correlações entre as principais características sociodemográficas e familiares das participantes. Atendendo às correlações significativas existentes, na Tabela 12, verifica-se que a idade das mães está positiva e fortemente ( $,60 < r < ,80$ ) relacionada com a idade dos menores ( $r_{(120)} = ,710$ ;  $p = ,000$ ) e os anos da relação marital ( $r_{(103)} = ,730$ ;  $p = ,000$ ), e fracamente ( $r < ,40$ ) com o número de filhos ( $r_{(120)} = ,347$ ;  $p = ,000$ ), o tamanho da habitação ( $r_{(120)} = ,171$ ;  $p = ,031$ ) e o número de quartos na habitação ( $r_{(120)} = ,264$ ;  $p = ,002$ ). Esta variável sociodemográfica apresenta, ainda, correlações negativas com o número de menores de 14 anos no agregado familiar ( $r_{(120)} = -,492$ ;  $p = ,000$ ) e o número de rendimentos combinados ( $r_{(120)} = -,259$ ;  $p = ,002$ ). Porém, esta última associação é fraca ( $r < ,40$ ), enquanto a primeira é moderada, já que o valor do  $r$  de *Pearson* situa-se entre os 0,40 e os 0,60.

A idade dos menores, por sua vez, apresenta correlações significativas e positivas com o número de filhos da mãe ( $r_{(120)} = ,412$ ;  $p = ,000$ ), os anos na relação marital ( $r_{(103)} = ,679$ ;  $p = ,000$ ), o número de pessoas no agregado familiar ( $r_{(120)} = ,206$ ;  $p = ,012$ ) e o número de quartos na habitação ( $r_{(120)} = ,243$ ;  $p = ,004$ ). Além disso, esta variável está negativamente relacionada com o número de menores de 14 anos no agregado familiar ( $r_{(120)} = -,445$ ;  $p = ,000$ ), o nível educativo ( $r_{s(120)} = -,223$ ;  $p = ,007$ ), o tipo de trabalho ( $r_{s(99)} = -,196$ ;  $p = ,026$ ) e o número de rendimentos combinados ( $r_{(120)} = -,215$ ;  $p = ,009$ ). Apesar da relação forte ( $,60 < r < ,80$ ) com os anos na relação marital e moderada ( $,40 < r < ,60$ ) com o número de filhos e de menores de 14 anos no lar, a magnitude das restantes associações é fraca ( $r < ,40$ ).

O número de filhos, por sua vez, associa-se significativa e positivamente ao número de pessoas que convivem no lar ( $r_{(120)} = ,703$ ;  $p = ,000$ ), ao número de menores de 18 anos ( $r_{(120)} = ,607$ ;  $p = ,000$ ) e de 14 anos ( $r_{(120)} = ,194$ ;  $p = ,017$ ) no agregado familiar, aos anos de relação marital ( $r_{(103)} = ,254$ ;  $p = ,005$ ), ao número de quartos na habitação ( $r_{(120)} = ,165$ ;  $p = ,036$ ) e à sobrelotação ( $r_{(120)} = ,398$ ;  $p = ,000$ ).

**Tabela 12.** Correlações entre as variáveis sociodemográficas e familiares (N = 120)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
1. Idade da mãe <sup>(a)</sup>	–	<b>,710***</b>	<b>,347***</b>	<b>,730***</b>	,108	–,117	<b>–,492***</b>	–,112	–,150 <sup>#</sup>	–,069	,130	,097	<b>–,259**</b>	<b>,171*</b>	<b>,264**</b>	–,098
2. Idade do menor <sup>(a)</sup>		–	<b>,412***</b>	<b>,679***</b>	<b>,206*</b>	,079	<b>–,445***</b>	–,101	<b>–,223**</b>	<b>–,196*</b>	–,030	,023	<b>–,215**</b>	,066	<b>,243**</b>	,088
3. Número de filhos <sup>(a)</sup>			–	<b>,254**</b>	<b>,703***</b>	<b>,607***</b>	<b>,194*</b>	–,081	<b>–,257**</b>	<b>–,205*</b>	–,059	,083	,004	,073	<b>,165*</b>	<b>,398***</b>
4. Anos de relação marital <sup>(a)</sup>				–	,129 <sup>#</sup>	–,133 <sup>#</sup>	<b>–,352***</b>	–,108	–,124	–,118	–,054	–,144 <sup>#</sup>	<b>–,288**</b>	<b>,189*</b>	<b>,390***</b>	,088
5. Pessoas que convivem no lar <sup>(a)</sup>					–	<b>,594***</b>	<b>,315***</b>	<b>,469***</b>	<b>–,197*</b>	<b>–,184*</b>	–,051	<b>,278**</b>	<b>,156*</b>	<b>,364***</b>	<b>,370***</b>	<b>,369***</b>
6. Menores de 18 anos no agregado <sup>(a)</sup>						–	<b>,628***</b>	,029	,007	,015	–,054	<b>,223*</b>	,053	,061	,101	<b>,328***</b>
7. Menores de 14 anos no agregado <sup>(a)</sup>							–	,075	<b>,165*</b>	,126	,055	<b>,177*</b>	<b>,196*</b>	,068	–,070	<b>,168*</b>
8. Número de pessoas na família extensa <sup>(a)</sup>								–	–,039	–,067	–,053	,050	,098	<b>,343***</b>	<b>,272**</b>	,017
9. Nível educativo <sup>(b)</sup>									–	<b>,946***</b>	<b>,675***</b>	<b>,514***</b>	,015	<b>,308**</b>	<b>,247***</b>	<b>–,473***</b>
10. Tipo de trabalho <sup>(b)</sup>										–	<b>,774***</b>	<b>,602***</b>	–,107	<b>,295**</b>	<b>,239**</b>	<b>–,425***</b>
11. Rendimentos laborais da própria <sup>(a)</sup>											–	<b>,681***</b>	<b>–,230*</b>	<b>,237*</b>	,070	<b>–,282**</b>
12. Rendimentos familiares <sup>(a)</sup>												–	<b>,200*</b>	<b>,353***</b>	<b>,205*</b>	–,149
13. Número de rendimentos combinados <sup>(a)</sup>													–	–,002	–,035	,128 <sup>#</sup>
14. Tamanho da habitação <sup>(a)</sup>														–	<b>,669***</b>	<b>–,684***</b>
15. Número de quartos <sup>(a)</sup>															–	<b>–,404***</b>
16. Sobrelotação <sup>(a)</sup>																–

\*  $p < ,05$ ; \*\*  $p < ,01$ ; \*\*\*  $p < ,001$ ; #  $p < ,10$

<sup>a)</sup> Correlação de *Pearson*; <sup>(b)</sup> Correlação de *Spearman*

No entanto, apenas as duas primeiras relações são fortes ( $,60 < r < ,80$ ), as restantes são de fraca magnitude ( $r < ,40$ ). Além disso, observa que o número de filhos apresenta correlações negativas, porém fracas ( $r < ,40$ ) com o nível de escolaridade ( $r_{s(120)} = -,257; p = ,002$ ) e o tipo de trabalho ( $r_{s(99)} = -,205; p = ,021$ ).

Os anos na relação marital entre a mãe entrevistada e o companheiro apresentam correlações negativas com o número de menores de 14 anos no agregado familiar ( $r_{(103)} = -,352; p = ,000$ ) e o número de rendimentos combinados ( $r_{(103)} = -,288; p = ,002$ ), como também, associações positivas com o tamanho da habitação ( $r_{(103)} = ,189; p = ,028$ ) e o número de quartos na habitação ( $r_{(103)} = ,390; p = ,000$ ). Contudo, estas relações são todas fracas, visto que o  $r$  de *Pearson* é inferior a 0,40.

Relativamente à composição do agregado familiar, ainda na Tabela 12, constata-se que o número de pessoas que convivem no lar está significativa e positivamente associada ao número de pessoas na família extensa ( $r_{(120)} = ,469; p = ,000$ ), ao número de menores de 18 anos ( $r_{(120)} = ,594; p = ,000$ ) e de 14 anos ( $r_{(120)} = ,315; p = ,000$ ) no agregado familiar, aos rendimentos familiares ( $r_{(98)} = ,278; p = ,003$ ), ao número de rendimentos combinados ( $r_{(120)} = ,156; p = ,044$ ), ao tamanho da habitação ( $r_{(120)} = ,364; p = ,000$ ), ao número de quartos na habitação ( $r_{(120)} = ,370; p = ,000$ ) e à sobrelotação ( $r_{(120)} = ,369; p = ,000$ ). Além disso, esta variável familiar tem, ainda, correlações negativas com o nível de escolaridade ( $r_{s(120)} = -,197; p = ,015$ ) e o tipo de trabalho ( $r_{s(99)} = -,184; p = ,034$ ). No entanto, a maioria das associações apresenta uma magnitude fraca ( $r < ,40$ ), com a exceção das duas primeiras correlações positivas que são moderadas ( $,40 < r < ,60$ ).

Por um lado, o número de menores de 18 anos no agregado associa-se positiva e fortemente ( $,60 < r < ,80$ ) ao número de menores de 14 anos no agregado familiar ( $r_{(120)} = ,628; p = ,000$ ) e fracamente ( $,20 < r < ,40$ ) aos rendimentos familiares ( $r_{(98)} = ,223; p = ,014$ ) e à sobrelotação ( $r_{(120)} = ,328; p = ,000$ ).

Por outro lado, o número de menores de 14 anos no agregado familiar surge estatisticamente e positivamente relacionado com os rendimentos familiares ( $r_{(98)} = ,177; p = ,040$ ), com o número de rendimentos combinados ( $r_{(120)} = ,196; p = ,016$ ), com a sobrelotação ( $r_{(120)} = ,168; p = ,033$ ) e com o nível de escolaridade ( $r_{s(120)} = ,165; p = ,036$ ). Porém, a magnitude destas associações é muito fraca, já que o valor do  $r$  de *Pearson* é inferior a 0,20.

O número de pessoas na família extensa, por sua vez, relaciona-se significativa e

positivamente com o tamanho da habitação ( $r_{(120)} = ,343$ ;  $p = ,000$ ) e o número de quartos na habitação ( $r_{(120)} = ,272$ ;  $p = ,001$ ). Contudo, a magnitude das correlações é fraca, uma vez que o  $r$  de *Pearson* é inferior a 0,40.

Ainda na Tabela 12, pode-se constatar que o nível de escolaridade das mães entrevistadas está relacionado positivamente com o tipo de trabalho ( $r_{s(99)} = ,946$ ;  $p = ,000$ ), os rendimentos laborais da mãe entrevistada ( $r_{s(81)} = ,675$ ;  $p = ,000$ ) e os rendimentos familiares ( $r_{s(98)} = ,514$ ;  $p = ,000$ ). Na primeira, a magnitude da relação é muito forte ( $r > ,80$ ), na segunda é forte ( $,60 < r < ,80$ ) e na última é moderada ( $,40 < r < ,60$ ). Esta variável apresenta, também, associações positivas, porém fracas ( $r < ,40$ ) com o tamanho da habitação ( $r_{s(120)} = ,308$ ;  $p = ,000$ ) e o número de quartos na habitação ( $r_{s(120)} = ,247$ ;  $p = ,003$ ). Além disso, o nível educativo encontra-se negativa e moderadamente ( $,40 < r < ,60$ ) correlacionada com a sobrelotação ( $r_{s(120)} = -,473$ ;  $p = ,000$ ).

Relativamente ao tipo de trabalho, observam-se correlações significativas e positivas entre o mesmo e algumas variáveis, nomeadamente, os rendimentos laborais da mãe entrevistada ( $r_{s(81)} = ,774$ ;  $p = ,000$ ), os rendimentos familiares ( $r_{s(81)} = ,602$ ;  $p = ,000$ ), o tamanho da habitação ( $r_{s(99)} = ,295$ ;  $p = ,002$ ) e o número de quartos na habitação ( $r_{s(99)} = ,239$ ;  $p = ,009$ ). Nas duas primeiras, a magnitude é forte ( $,60 < r < ,80$ ), enquanto nas duas últimas, é fraca ( $r < ,40$ ). Além disso, constata-se a existência de uma associação negativa e moderada ( $,40 < r < ,60$ ) entre o tipo de trabalho e a sobrelotação ( $r_{s(99)} = -,425$ ;  $p = ,000$ ).

Os rendimentos laborais da mãe entrevistada, por sua vez, relacionam-se positiva e fortemente ( $,60 < r < ,80$ ) com os rendimentos familiares ( $r_{(79)} = ,681$ ;  $p = ,000$ ) e fracamente ( $r < ,40$ ) com o tamanho da habitação ( $r_{(81)} = ,237$ ;  $p = ,017$ ). Além disso, verificar-se que esta variável apresenta correlações negativas e fracas, com o número de rendimentos combinados ( $r_{(81)} = -,230$ ;  $p = ,019$ ) e a sobrelotação ( $r_{(81)} = -,282$ ;  $p = ,005$ ).

No que se refere aos rendimentos familiares, constata-se que esta variável familiar correlaciona-se positivamente com o número de rendimentos combinados ( $r_{(98)} = ,200$ ;  $p = ,024$ ), o tamanho da habitação ( $r_{(98)} = ,353$ ;  $p = ,000$ ) e o número de quartos na habitação ( $r_{(98)} = ,205$ ;  $p = ,021$ ). Contudo, estas correlações são fracas ( $r < ,40$ ).

Ainda na Tabela 12, verifica-se que o tamanho da habitação tem associações significativas e positivas com o número de quartos na habitação ( $r_{(120)} = ,669$ ;  $p = ,000$ )

e negativas com a sobrelotação ( $r_{(120)} = -,684$ ;  $p = ,000$ ). Além disso, ambas as correlações revelam uma magnitude forte, visto que o valor do  $r$  de *Pearson* encontra-se no intervalo de 0,60 a 0,80.

Por último, observa-se uma relação negativa e moderada ( $,40 < r < ,60$ ) entre o número de quartos na habitação e a sobrelotação ( $r_{(120)} = -,404$ ;  $p = ,000$ ).

A seguir, na Tabela 13, podemos observar as relações encontradas entre as dimensões de Adaptabilidade e de Coesão Familiar e as variáveis sociodemográficas e familiares.

**Tabela 13.** Correlações entre as variáveis sociodemográficas e familiares e as dimensões Coesão e Adaptabilidade Familiar (N = 120)

	Adaptabilidade Familiar	Coesão Familiar
Idade da mãe <sup>(a)</sup>	,068	-,068
Idade do menor <sup>(a)</sup>	<b>,225**</b>	,069
Número de filhos <sup>(a)</sup>	<b>,159*</b>	<b>,179*</b>
Anos de relação marital <sup>(a)</sup>	<u>,150#</u>	-,041
Pessoas que convivem no lar <sup>(a)</sup>	,042	,089
Menores de 18 anos no agregado familiar <sup>(a)</sup>	,099	<b>,189*</b>
Menores de 14 anos no agregado familiar <sup>(a)</sup>	-,024	<b>,151*</b>
Número de pessoas na família extensa <sup>(a)</sup>	-,062	<b>-,166*</b>
Nível educativo <sup>(b)</sup>	-,022	-,048
Tipo de trabalho <sup>(b)</sup>	,020	-,078
Rendimentos laborais da própria <sup>(a)</sup>	,101	,008
Rendimentos familiares <sup>(a)</sup>	,064	,036
Número de rendimentos combinados <sup>(a)</sup>	-,074	-,015
Tamanho da habitação <sup>(a)</sup>	-,042	,033
Número de quartos <sup>(a)</sup>	-,036	,043
Sobrelotação <sup>(a)</sup>	-,109	-,089

\*  $p < ,05$ ; \*\*  $p < ,01$ ; \*\*\*  $p < ,001$ ; #  $p < ,10$

<sup>(a)</sup> Correlação de *Pearson*; <sup>(b)</sup> Correlação de *Spearman*

No que diz respeito às dimensões do FACES (Tabela 13), verifica-se que a Adaptabilidade Familiar está associada significativa e positivamente à idade do menor ( $r_{(120)} = ,225$ ;  $p = ,007$ ) e ao número de filhos ( $r_{(120)} = ,159$ ;  $p = ,041$ ). Além disso, esta dimensão apresenta correlações residuais com o número de anos na relação marital

( $r_{(103)} = ,150$ ;  $p = ,065$ ). No entanto, estas associações são muito fracas, já que o valor do  $r$  de *Pearson* é inferior a 0,20, com a exceção da relação fraca ( $,20 < r < ,40$ ) entre a Adaptabilidade Familiar e a idade do menor.

Por outro lado, a Coesão Familiar encontra-se significativa e positivamente relacionada com o número de filhos ( $r_{(120)} = ,179$ ;  $p = ,025$ ), o número de menores de 18 anos ( $r_{(120)} = ,189$ ;  $p = ,019$ ) e de 14 anos ( $r_{(120)} = ,151$ ;  $p = ,050$ ) no agregado familiar, como ainda, negativamente como o número de pessoas na família extensa ( $r_{(120)} = -,166$ ;  $p = ,035$ ). Porém, estas correlações são muito fracas ( $r < ,20$ ).

#### **4.9 Diferenças nos níveis de Adaptabilidade e Coesão Familiar em função das Características Sociodemográficas e Familiares**

Na presente secção serão expostas as diferenças existentes nas dimensões Adaptabilidade Familiar em função dos dados sociodemográficos (e.g., situação laboral, tipo de trabalho) e familiares (i.e., tipo de família, estabilidade familiar, rendimentos familiares, sexo e idade do menor) das participantes no estudo.

Para os grupos com mais de 30 sujeitos recorreremos ao teste paramétrico *t* de *Student* para comparações entre dois grupos. Atendendo aos grupos com tamanho reduzido ( $n < 30$ ), recorreu-se aos testes não-paramétricos de *Mann-Whitney* para comparações entre dois grupos e de *Kruskal-Wallis* para três ou mais grupos.

Assim, apresentam-se, de seguida, as tabelas com as médias, os desvios-padrão, os valores do respetivo teste paramétrico ou não-paramétrico utilizado, bem como, os valores de significância ( $p$ ) e efeito ( $r$ )<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Nos testes paramétricos, o efeito calcula-se mediante a seguinte fórmula:  $r = \sqrt{\frac{t^2}{t^2 + df}}$ ; sendo que  $t$  representa o  $t$  de *Student* e  $df$  corresponde aos graus de liberdade, ambos produzidos pelo SPSS. Nos testes não-paramétricos, a magnitude do efeito calcula-se de acordo com a seguinte equação:  $r = \frac{Z}{\sqrt{N}}$ ; em que  $Z$  corresponde ao Z-score que o SPSS produz e  $N$  refere-se ao tamanho da amostra que o  $Z$  se baseia. De acordo com Field (2009), os valores de  $\pm 0,1$  correspondem a um efeito pequeno;  $\pm 0,3$  representa um efeito moderado; e, por último,  $\pm 0,5$  traduz um efeito grande.

**Tabela 14.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar em função da situação laboral, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	<b>Empregada</b>	<b>Desempregada</b>			
	(n = 99)	(n = 21)			
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>U<sup>12</sup></b>	<b>p</b>	<b>r</b>
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	28,66 (5,73)	29,29 (5,93)	1002,00	,399	-,024
<b>Coesão Familiar</b>	38,78 (5,93)	39,00 (7,26)	1018,50	,443	-,013
	<b>Regular</b>	<b>Irregular</b>			
	(n = 12)	(n = 87)			
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>U</b>	<b>p</b>	<b>r</b>
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	28,49 (5,66)	30,08 (6,47)	437,00	,184	-,092
<b>Coesão Familiar</b>	38,63 (5,79)	40,08 (7,08)	420,00	,139	-,110
	<b>Com contrato</b>	<b>Sem contrato</b>			
	(n = 18)	(n = 81)			
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>U</b>	<b>p</b>	<b>r</b>
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	28,52 (5,74)	29,44 (5,89)	662,50	,275	-,061
<b>Coesão Familiar</b>	38,91 (5,76)	38,33 (6,84)	719,50	,467	-,009

No que diz respeito à situação laboral das inquiridas (Tabela 16), observa-se que as mães empregadas não diferem significativamente das mães desempregadas em termos de Adaptabilidade e Coesão Familiar.

Além disso, ainda na Tabela 14, constata-se que não existem diferenças estatisticamente significativas em ambas as dimensões do FACES quanto à regularidade do trabalho e à situação de contrato laboral.

<sup>12</sup> Teste não-paramétrico de *Mann-Whitney*.

**Tabela 15.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar segundo o tipo de família, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	<b>Monoparental</b>	<b>Biparental</b>			
	(n = 17)	(n = 103)			
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>U</b>	<b>p</b>	<b>r</b>
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	27,88 (7,27)	28,91 (5,48)	752,50	,179	-,085
<b>Coesão Familiar</b>	35,94 (9,06)	39,29 (5,44)	714,50	,114	-,111
	<b>Extensa</b>	<b>Não Extensa</b>			
	(n = 7)	(n = 113)			
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>U</b>	<b>p</b>	<b>r</b>
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	27,00 (4,43)	28,88 (5,81)	312,00	,179	-,086
<b>Coesão Familiar</b>	34,71 (8,60)	39,07 (5,92)	272,50	<u>,086</u>	-,126

Relativamente ao tipo de família, na Tabela 15, verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas na Adaptabilidade Familiar e na Coesão Familiar entre as famílias monoparentais e as famílias biparentais.

Apesar das diferenças não serem significativas ( $p > ,05$ ), ainda na Tabela 15, observa-se um efeito de pequena magnitude na Coesão Familiar ( $U = 272,50$ ;  $z = -1,38$ ;  $p = ,086$ ;  $r = -,126$ ), em que as mães de famílias não extensas ( $Mdn = 40,00$ ) reportam índices superiores comparativamente às mães que provêm de famílias alargadas ( $Mdn = 37,00$ ).

**Tabela 16.** Comparação das médias, desvios-padrão na Coesão e Adaptabilidade Familiar segundo a estabilidade familiar, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	<b>Estável</b>	<b>Instável</b>			
	(n = 116)	(n = 4)			
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>U</b>	<b>p</b>	<b>r</b>
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	28,91 (5,74)	24,50 (4,65)	119,00	<u>,050</u>	-,151
<b>Coesão Familiar</b>	38,65 (6,17)	43,75 (2,87)	<b>111,00</b>	<b>,038</b>	<b>-,162</b>

Na Tabela 16, verifica-se a existência de diferenças estatisticamente significativas na Coesão Familiar ( $U = 111,00$ ;  $z = -1,77$ ;  $p = ,038$ ;  $r = -,162$ ) quanto à estabilidade familiar. No entanto, o tamanho do efeito é pequeno, visto que o valor do  $r$  é reduzido ( $r < ,30$ ).

Ao contrário do que seria de esperar, as mães que provêm de famílias estáveis ( $Mdn = 39,00$ ) reportam uma menor coesão familiar do que aquelas que vivem em meios familiares instáveis ( $Mdn = 42,50$ ).

Além disso, ainda na Tabela 16, observa-se um efeito de pequena magnitude, mas não significativo ( $p > ,05$ ), na Adaptabilidade Familiar ( $U = 119,00$ ;  $z = -1,66$ ;  $p = ,050$ ;  $r = -,151$ ), onde as participantes que vivem em condições de estabilidade familiar ( $Mdn = 28,00$ ) exibem níveis mais elevados do que aquelas cujas famílias são instáveis ( $Mdn = 23,50$ ).

**Tabela 17.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar segundo a estabilidade dos rendimentos familiares, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	Estável		Instável		
	(n = 91)	(n = 29)	U	p	r
	M (DP)	M (DP)			
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	28,92 (5,12)	28,28 (7,45)	1167,50	,177	-,085
<b>Coesão Familiar</b>	39,23 (4,82)	37,52 (9,14)	1222,00	,276	-,055

No que se refere à estabilidade dos rendimentos laborais (Tabela 17), verifica-se que as diferenças não são estatisticamente significativas, sugerindo que as mães com rendimentos familiares estáveis não diferem daquelas cujos rendimentos são instáveis quanto à Adaptabilidade e Coesão Familiar.

Na Tabela 18, verifica-se que existem diferenças significativas na dimensão Adaptabilidade Familiar ( $H(3) = 11,73$ ;  $p = ,008$ ) em função do nível educativo. No sentido de analisar estas diferenças significativas entre os grupos, recorreu-se ao teste não-paramétrico de *Mann-Whitney* e aplicou-se a correção de *Bonferroni*, obtendo um nível de significância igual a 0,0083.

**Tabela 18.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar em função do nível educativo, teste *Kruskal-Wallis*

	<b>Até Básicos Incompletos</b> (n = 11)	<b>Básicos Completos</b> (n = 22)	<b>Secundários</b> (n = 42)	<b>Universitários</b> (n = 45)		
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>H<sup>13</sup></b>	<b>p</b>
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	25,27 (3,58)	31,95 (6,14)	28,29 (6,09)	28,51 (5,03)	<b>11,73</b>	<b>,008</b>
<b>Coesão Familiar</b>	39,27 (6,51)	40,23 (5,25)	38,10 (7,32)	38,69 (5,29)	1,44	,696

Deste modo, observou-se que os participantes com básicos incompletos ( $Mdn = 25,00$ ) diferem significativamente dos sujeitos com básicos completos ( $Mdn = 32,50$ ) na Adaptabilidade Familiar ( $U = 40,00$ ;  $z = -3,10$ ;  $p = ,001$ ;  $r = -,540$ ), na medida em que os primeiros reportam menos adaptabilidade do que os últimos. Além disso, o tamanho do efeito é forte, visto que o valor do  $r$  é superior a 0,50.

**Tabela 19.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar em função do tipo de trabalho, teste *Kruskal-Wallis*

	<b>Baixa Qualificação</b> (n = 25)	<b>Média Qualificação</b> (n = 32)	<b>Alta Qualificação</b> (n = 42)		
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>H</b>	<b>p</b>
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	28,16 (6,41)	29,16 (6,09)	28,64 (5,16)	,133	,936
<b>Coesão Familiar</b>	38,96 (7,62)	38,97 (5,55)	38,60 (5,18)	,592	,744

Na Tabela 19, pode-se constatar que não existem diferenças significativas nas dimensões de Adaptabilidade e de Coesão Familiar quanto ao tipo de trabalho desempenhado pelas mães entrevistadas.

<sup>13</sup> Teste não-paramétrico de *Kruskal-Wallis*.

**Tabela 20.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar em função do tipo de família, teste *Kruskal-Wallis*

	<b>Monoparental</b>	<b>Biparental</b>	<b>Reconstituída</b>		
	(n = 17)	(n = 95)	(n = 8)		
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>H</b>	<b>p</b>
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	27,88 (7,27)	28,86 (5,46)	29,50 (6,00)	,951	,622
<b>Coesão Familiar</b>	35,94 (9,06)	39,33 (5,59)	38,88 (3,44)	1,698	,428

Relativamente ao tipo de família apresentada na Tabela 20, observa-se que as mães de famílias monoparentais, biparentais ou reconstituídas não diferem significativamente entre si.

**Tabela 21.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar em função do sexo do menor, teste *t* de *Student*

	<b>Rapaz</b>	<b>Rapariga</b>			
	(n = 61)	(n = 59)			
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>t<sup>14</sup></b>	<b>p</b>	<b>r</b>
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	29,57 (5,87)	27,93 (5,54)	-1,58	,118	,144
<b>Coesão Familiar</b>	40,43 (4,68)	37,15 (7,03)	<b>-2,99</b>	<b>,003</b>	<b>,286</b>

Atendendo ao sexo do menor (Tabela 21), verificam-se diferenças estatisticamente significativas na Coesão familiar ( $t = -2,99$ ;  $df = 100,53$ ;  $p = ,003$ ;  $r = ,286$ ) entre as mães de rapazes e as mães de raparigas. Contudo, trata-se de um efeito de pequena magnitude, já que o valor do  $r$  é inferior a 0,30.

Deste modo, as mães de rapazes reportam uma maior coesão no meio familiar ( $M = 40,43$ ) do que as mães de raparigas ( $M = 37,15$ ).

<sup>14</sup> Teste *t* de *Student*.

**Tabela 22.** Comparação das médias, desvios-padrão na Adaptabilidade e Coesão Familiar segundo o grupo etário do menor, teste *t* de *Student*

	<b>Criança</b>	<b>Adolescente</b>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
	(< 12 anos)	(≥ 12 anos)			
	(n = 73)	(n = 47)			
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>			
<b>Adaptabilidade Familiar</b>	27,90 (5,80)	30,11 (5,45)	<b>-2,08</b>	<b>,040</b>	<b>,188</b>
<b>Coesão Familiar</b>	38,79 (6,59)	38,85 (5,47)	-,049	,961	,005

No que diz respeito ao dois grupos etários apresentados na Tabela 22, verifica-se que as mães de crianças diferem significativamente das mães de adolescentes quanto à Adaptabilidade Familiar ( $t = -2,08$ ;  $df = 118$ ;  $p = ,040$ ;  $r = 1,88$ ). Porém, atendendo ao valor reduzido do *r*, a magnitude do efeito é pequeno ( $r < ,30$ ).

Como seria de esperar as mães de adolescentes (M = 30,11) apresentam uma maior adaptabilidade familiar do que as mães de crianças (M = 27,90).

## *Capítulo V.*

---

## 5. Discussão de resultados

---

No presente capítulo serão discutidos os principais resultados obtidos, tendo em conta os objetivos delineados anteriormente.

Inicialmente apresentamos uma breve análise das características sociodemográficas e familiares das participantes no estudo. Em seguida, faremos referência aos níveis de coesão e de adaptação familiares percebidos pelas mães. Por último, discutem-se as relações existentes entre a coesão e a adaptabilidade e as características sociodemográficas e familiares.

### 5.1 Perfil Sociodemográfico e Familiar das mães

Os resultados obtidos indicam que se trata de um grupo bastante homogêneo, na medida em que vivem em boas circunstâncias, caracterizadas na sua maioria por uma relação marital estável e duradoura, por um nível de escolaridade elevado, boas condições habitacionais, uma elevada taxa de empregabilidade e empregos de média e alta qualificação, regulares e com contrato de trabalho.

Quanto ao tipo de estrutura familiar verificámos que a maioria das famílias apresenta uma estrutura biparental nuclear. Alguns estudos realizados indicam que as famílias biparentais, se aliadas a outros fatores de proteção, apresentam mais fatores protetores do que fatores de risco para o desenvolvimento das crianças, por oposto às famílias monoparentais. Estas últimas por si só não constituem um fator de risco, mas associado, a outros fatores de risco (como por exemplo, condições precárias) aumenta a vulnerabilidade das famílias (Rodríguez et al., 2006). Para além destes fatores, é importante mencionar o tamanho normativo das famílias com menores a seu cargo e o facto de a maioria das participantes considerar que vive num ambiente familiar estável, sem mudanças recentes na composição do seu agregado familiar, que consubstanciam condições favoráveis e que a quase totalidade das mães não vivem em condições de sobrelotação.

Torna-se fundamental ter em consideração os fatores de proteção que podem coexistir, tais como a coesão familiar ou a rede social de apoio (Cecconello, 2003), que podem mitigar o efeito negativo dos fatores de risco e apoiar as famílias a lidar e a ultrapassar as circunstâncias de vida adversas.

De seguida passaremos à discussão dos resultados que observámos nas dimensões estudadas, nomeadamente a coesão e a adaptabilidade familiar associadas às mães participantes.

## **5.2 Coesão e adaptabilidade familiares**

De acordo com Olson (2000), e em conformidade com a análise da FACES III, pontuações elevadas nas subescalas Coesão Familiar e Adaptação Familiar são reveladoras de sistemas familiares equilibrados. Por sua vez, pontuações baixas nas mesmas subescalas, refletem um sistema familiar desequilibrado. De acordo com o modelo circunplexo tridimensional familiar proposto pelo autor, a utilização deste instrumento pretende demonstrar que as famílias com pontuações mais elevadas (tipo equilibradas) são mais funcionais, em comparação com as famílias com pontuações mais baixas (tipo extremas).

No presente estudo os resultados obtidos na escala de coesão familiar foram superiores aos obtidos na escala de adaptabilidade familiar. No entanto, ambos os valores são elevados nas duas dimensões em estudo. Estes resultados coincidem com os observados por outros autores (Hidalgo et al., 2009) que observaram que a adaptação familiar se apresentava mais reduzida do que o seu nível de coesão familiar, e constataram a reduzida capacidade de adaptação e flexibilidade nos seus papéis e no seu funcionamento como grupo e bons níveis de coesão emocional entre si. Os autores concluíram que a capacidade das famílias face às exigências situacionais foi mais reduzida do que o seu nível de união emocional.

Por sua vez, Ribeiro e colaboradores (2004), num estudo com famílias pobres e não pobres encontraram valores de coesão e de adaptação familiar que apontavam para uma maior funcionalidade das famílias não pobres, as quais se percecionavam como mais coesas e adaptadas. Porém, estas autoras observaram igualmente, que as famílias pobres evidenciaram valores de coesão superiores aos de adaptação familiar.

Desta forma, ao ponderarmos como equilibrados os resultados que evidenciaram níveis altos de coesão e adaptabilidade familiar, ao invés de níveis baixos de coesão representando disfuncionalidade familiar (Olson, 1999; Green et al., 1991), podemos concluir que as participantes do presente estudo, evidenciam um funcionamento familiar equilibrado. Porém, reportam níveis mais elevados de coesão familiar do que

adaptabilidade familiar. Isto pode significar que as participantes têm índices mais elevados de ligações afetivas com os elementos que compõem a sua família, do que capacidade para alterarem os seus papéis e regras em função de situações marcadas por stresse ou em crise familiar.

Perante este facto pensamos que estes resultados possam estar relacionados com o tipo de proximidade relacional com os filhos, pela fase de desenvolvimento destes. Ou seja, a idade dos filhos, sendo estes menores de dezoito anos, pode implicar funções maternas com uma maior rigidez (e.g., ao nível dos horários, das rotinas diárias, entre outras), que poderá influenciar a sua capacidade para alterar os seus papéis e regras em função de diversas situações.

De acordo com os resultados obtidos, podemos concluir que ao nível do funcionamento familiar, as nossas participantes revelam uma coesão e uma adaptabilidade familiar equilibrada. Neste sentido, de acordo com Oliva et al. (2008), podemos considerar que, no global, os elementos que constituem o sistema familiar das participantes do presente estudo são mais resilientes do que mal-adaptados, se atendermos às conclusões de Oliva et al. (2008). Estes autores defenderam que a coesão e a adaptabilidade familiares são mais elevadas em famílias de sujeitos resilientes do que em sujeitos mal-adaptados.

Assim, ao considerarmos a presente amostra e os elementos que compõem as suas famílias como possuindo algumas características resilientes, uma vez que revelam um funcionamento familiar equilibrado (Oliva et al., 2008), podemos sugerir que estes indivíduos apresentam uma maior aptidão em manter o seu próprio equilíbrio e em evidenciar uma adequada adaptação, mesmo quando expostos a situações stressantes ou negativas tal como foi observado em diversos estudos (Armstrong, Galligan, & Critchley, 2011; Becona, 2006; Haggerty et al., 1996; Oliva et al., 2008, Rutter, 2006).

Observámos ainda uma associação significativa e positiva entre coesão e adaptabilidade familiar, o que indica uma relação linear entre a coesão e a adaptabilidade familiares. Estes resultados têm sido observados noutros estudos (Currell et al., 1999; Martinez-Pampliega et al., 2011; Noller & Shum, 1990; Rolim et al., 2006). Hidalgo, Lorence e colaboradores (2009) referem que as famílias mais coesas são também as mais adaptadas, funcionando como contextos de desenvolvimento mais

estimulantes para os menores. e uma possível explicação tua que achas que estas dimensões estão relacionadas, por exemplo, as famílias coesas possivelmente estão mais propensas a se adaptarem perante as mudanças devido a uma maior união entre os membros e deste modo, percebem uma maior adaptabilidade familiar. Qualquer coisa deste género. Outra explicação deve-se à elaboração do instrumento que utilizaram estas dimensões porquê? Tens que ver pq os autores escolheram os dois e deste modo, seria de esperar que estes dois estivessem relacionados.

Falceto, Busnello e Bozzetti (2000) aplicaram a FACES III em 32 famílias e verificaram uma relação estatisticamente significativa e positiva, ainda que fraca, entre a coesão familiar e a avaliação do funcionamento familiar resultante da entrevista clínica. Porém a adaptabilidade não estava relacionada com o funcionamento familiar neste estudo. Os autores referem que estes resultados podem estar comprometidos, uma vez que se referem a uma amostra bastante reduzida e que numa amostra populacional maior os resultados poderiam ser diversos. Concluem, então, que a FACES III não é um instrumento adequado para a avaliação de famílias de alto risco para desenvolverem problemas mentais, em serviços primários de saúde.

Por outro lado, verificámos que a coesão mostrou uma consistência interna muito satisfatória, contrariamente à adaptabilidade familiar, que mostrou uma consistência interna insatisfatória. Estes resultados são congruentes com outros estudos, nacionais e internacionais, onde se observa que o valor de alfa de Cronbach é superior para a dimensão coesão familiar (Cumsille & Epstein, 1994; Curral et al., 1999; Falceto et al., 2000; Rolim et al., 2006). O facto de o valor de alfa ser relativamente baixo para a adaptação familiar, poderá refletir a complexidade do conceito e a multiplicidade de aspetos que o mesmo envolve (Rolim et al., 2006), podendo os conteúdos dos itens das situações explicar os dados destas análises estatísticas (Curral et al., 1999). Por exemplo, no estudo desenvolvido por Curral e colaboradores (1999) com o objetivo de proceder à validação do instrumento para a população portuguesa, com três grupos diferenciados, os autores observaram uma boa consistência interna, quer na subescala de coesão, quer na subescala de adaptabilidade familiar, embora o coeficiente alfa desta última subescala seja inferior, sugerindo uma maior interligação dos itens na dimensão coesão e maior dispersão dos itens da subescala de adaptação familiar. Neste sentido,

seria importante prosseguir com o seu trabalho de validação e talvez uma reformulação de alguns itens da subescala de adaptabilidade.

No nosso estudo podemos observar que a análise fatorial exploratória identificou seis fatores independentes para os 20 itens que compõem a escala FACES III. No estudo realizado por Curral e colaboradores (1999) com uma amostra de 274 sujeitos foram encontrados valores semelhantes aos obtidos no nosso estudo, sendo que os itens também se distribuíram por seis fatores, em vez dos dois referidos pelos autores da escala, existindo uma maior dispersão dos itens da subescala da adaptabilidade (Curral, Dourado, Torres, Barros, Pacheco, & Almeida, 1999). Especificamente o item 20 desta escala (“É fácil dizer quem realiza cada tarefa doméstica na nossa casa”), poderia ser reformulado. Outra possibilidade seria este passar a ser um item invertido. Uma vez que a versão utilizada no presente estudo foi traduzida da versão espanhola, que é diferente da versão original, e tendo em consideração que a adaptabilidade diz respeito à capacidade de mudança, podemos perceber que o conteúdo do item 20 não está associado à mudança.

Parece-nos relevante alargar o âmbito de aplicação da escala, e ter alguma precaução ao interpretar estes dados, uma vez que não existem estudos recentes de aferição do instrumento FACES III que utilizem amostras representativas da população portuguesa.

### **5.3 Relação entre as variáveis Sociodemográficas e Familiares, a Adaptabilidade e a Coesão Familiar**

Relativamente à situação laboral das inquiridas podemos observar-se que as mães empregadas não diferiam significativamente das mães desempregadas em termos de Adaptabilidade e Coesão Familiar e que não existiam diferenças estatisticamente significativas em ambas as dimensões do FACES quanto à regularidade do trabalho e à situação de contrato laboral. É interessante analisar este resultado, uma vez que mães desempregadas têm de conseguir adaptar-se à nova mudança de não terem um emprego e, conseqüentemente, um rendimento fixo mensal. Desta forma, seria de esperar que apresentassem valores de Adaptabilidade superiores às mães empregadas uma vez que estas têm, supostamente, condições mais estáveis e não têm de alterar rotinas e hábitos,

ou seja, não têm de se adaptar a uma nova situação de desemprego. Seria pertinente perceber se outras variáveis não estudadas por nós possam estar a contribuir para manter estes níveis de coesão e de adaptabilidade iguais para ambos os grupos de mães, tal como por exemplo, os rendimentos do cônjuge ou as possíveis ajudas exteriores.

No que diz respeito ao tipo de família, verificámos também que não existiam diferenças estatisticamente significativas na Adaptabilidade Familiar e na Coesão Familiar entre as famílias monoparentais e as famílias biparentais. Este facto é curioso, uma vez que seria de esperar que as famílias monoparentais apresentassem maiores índices de Adaptabilidade Familiar, uma vez que são, em geral, famílias mais resilientes e que tiveram e/ou têm de se adaptar a mudanças familiares com menos recursos do que as famílias em que estão presentes os dois progenitores.

Apesar de as diferenças não serem significativas observa-se um efeito de pequena magnitude na Coesão Familiar, em que as mães de famílias não extensas reportam índices superiores, comparativamente às mães que provêm de famílias alargadas. Verifica-se a existência de diferenças estatisticamente significativas ao nível da Coesão Familiar quanto à estabilidade familiar. Ao contrário do que seria de esperar, as mães que provêm de famílias estáveis reportam uma menor coesão familiar do que aquelas que vivem em meios familiares instáveis. É interessante analisar este resultado, uma vez que a estabilidade familiar parece ser um fator que contribui para a coesão das famílias, sendo que estas percecionam uma maior união e partilha, no entanto isto não se verificou no nosso estudo. Será que a coesão percebida pelas participantes que vivem em meios familiares instáveis é maior devido ao facto de estas não terem uma noção das mudanças que ocorrem no seio familiar? Ou seja, como existem tantas mudanças na composição do agregado familiar (entrada e saída de membros da família, como por exemplo os avós), as mães não têm uma real perceção do que é a estabilidade familiar ao longo do ciclo vital e, sendo assim, sentem a família sempre estável, coesa. Será devido à errada perceção das mães ou terão outras variáveis (como as relações maritais ou os rendimentos familiares e as ajudas provenientes de outras pessoas) a influenciar estes resultados?

Quanto à Adaptabilidade Familiar observa-se um efeito de pequena magnitude, com as participantes que vivem em condições de estabilidade familiar mostrando níveis mais elevados nesta dimensão do que aquelas cujas famílias são instáveis, embora este não seja significativo.

No que se refere à estabilidade dos rendimentos laborais, verifica-se que as diferenças não são estatisticamente significativas, sugerindo que as mães com rendimentos familiares estáveis não diferem daquelas cujos rendimentos são instáveis quanto à Adaptabilidade e Coesão Familiar. No entanto, podemos constatar que também não existem diferenças significativas nas dimensões de Adaptabilidade e de Coesão Familiar quanto ao tipo de trabalho desempenhado pelas mães entrevistadas. Não seria de esperar, uma vez que os resultados dos estudos realizados por Desai, Chase-Lansdale, e Michael (1989) indicaram que os participantes que trabalhavam apresentavam níveis mais elevados de coesão familiar. Neste sentido, os benefícios socio-emocionais que os progenitores podem obter através do exercício de uma atividade profissional podem conduzir a um maior bem-estar, e por sua vez, melhorar as práticas parentais e as relações familiares.

Relativamente ao nível de educação, os participantes com estudos básicos incompletos diferem significativamente dos sujeitos com estudos básicos completos na Adaptabilidade Familiar, na medida em que os primeiros reportam menor adaptabilidade do que os últimos. É pertinente analisar este resultado, uma vez que a escolaridade é um recurso com implicações ao nível do funcionamento familiar e da parentalidade e o nosso estudo demonstrou precisamente que quanto maior o nível de estudos maior a capacidade de se adaptar. As mães são capazes de reconhecer mais facilmente as mudanças e arranjar estratégias de adaptação familiar, o que se revela uma mais-valia ao nível do funcionamento familiar.

No que diz respeito aos dois grupos etários, verifica-se que as mães de crianças diferem significativamente das mães de adolescentes quanto à Adaptabilidade Familiar, mas como seria de esperar as mães de adolescentes apresentam uma maior adaptabilidade familiar do que as mães de crianças, uma vez que estão sujeitas a maiores mudanças no funcionamento familiar com as primeiras.

## 6. Conclusões e limitações do estudo

---

A realização deste estudo permitiu-nos traçar o perfil sócio-demográfico de algumas mães de famílias normativas, e contribuir para a compreensão de algumas dimensões associadas à família- a coesão e a adaptabilidade familiares percebidas.

Passaremos a mencionar, então, as principais conclusões que retiramos deste trabalho.

No que diz respeito às características demográficas, familiares, educativas e profissionais das participantes, constatámos que a maioria destas são casadas ou vivem em união de facto, integram lares biparentais e estáveis, possuem um alto nível educativo, estão empregadas e vivem em condições bastante boas. Estas condições são vistas como positivas, uma vez que podem favorecer o bem-estar psicológico destas mulheres, como o da sua família. Desta forma, concluímos que se trata dum grupo com características em comum, bastante homogéneo e com mais fatores protetores do que fatores de risco, se compararmos os nossos resultados com os de alguns estudos com famílias multiproblemáticas ou de risco.

De acordo com Olson (2000), e em conformidade com a análise da FACES III, pontuações elevadas nas subescalas Coesão e Adaptação Familiar são reveladoras de sistemas familiares equilibrados e pontuações baixas nas mesmas subescalas, refletem um sistema familiar desequilibrado. De acordo com o modelo circumplexo tridimensional familiar proposto pelo autor, a utilização deste instrumento pretende demonstrar que as famílias com pontuações mais elevadas (tipo equilibradas) são mais funcionais, em comparação com as famílias com pontuações mais baixas (tipo extremas).

No presente estudo, os níveis de coesão familiar foram superiores aos níveis de adaptação familiar. No entanto, é de salientar que a amostra estudada apresentou uma adaptabilidade ligeiramente elevada e uma coesão familiar muito elevada, significando, desta forma, que as mães da nossa amostra são membros de famílias consideradas funcionais.

O nosso estudo apresentou algumas limitações. Em primeiro lugar, as características da amostra, pelo seu tamanho reduzido inviabilizam a generalização dos resultados obtidos à restante população portuguesa.

Outra limitação desta investigação refere-se aos instrumentos de avaliação utilizados: 1) a inexistência de validação do instrumento FACES III com uma amostra representativa da população portuguesa dificultou as comparações dos resultados obtidos com outros estudos envolvendo a população geral, sendo que desta forma tivemos de recorrer a estudos de outros países, com características sociodemográficas e culturais diferentes das mães portuguesas. O estudo das características psicométricas da FACES III na população geral portuguesa permitiria não só alargar os conhecimentos sobre a coesão e a adaptabilidade em Portugal, como também, poderia funcionar como um recurso indispensável na avaliação psicológica em intervenções terapêuticas familiares e conjugais; 2) os instrumentos utilizados foram questionários de autorresposta, constituindo apenas medidas indiretas e contemplando apenas o ponto de vista das mães. Deste modo, importaria futuramente a utilização de outros métodos de análise multivariadas (e.g., observação das mães em contexto familiar e profissional) que complementassem os instrumentos baseados em autorrelatos, como também, o recurso a outras fontes de informação (e.g., pais, filhos, amigos).

Parece relevante que estudos futuros pudessem debruçar-se sobre a concordância e/ou discrepância, a nível da coesão e da adaptabilidade familiares em diferentes variáveis.

Ainda relativamente a possíveis estudos futuros, seria comparar famílias normativas com famílias multiproblemáticas ao nível destas duas dimensões e também comparar mães e pais das mesmas famílias.

Por último, seria importante a realização de estudos longitudinais que avaliassem diversos momentos da vida familiar das mães participantes, a fim de obter uma melhor compreensão sobre as relações de causalidade entre as perceções familiares das mães, a sua coesão e adaptabilidade familiares.

Não obstante as limitações acima referidas, consideramos que o presente trabalho contribui para uma melhor compreensão da temática relativa à coesão e à adaptabilidade percebidas pelas mães sobre a sua própria família.

## 7. Referências Bibliográficas

---

- Aboim, S., & Wall, K. (2002). Tipos de família em Portugal: interações, valores, contextos. *Análise Social*, XXXVII (163), 475-506.
- Alarcão, M. (1987). Para uma abordagem dos processos de separação no adolescente. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVI, 583-612.
- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Arruabarrena, I., & De Paúl, J. (2002). Evaluación de un programa de tratamiento para familias maltratantes y negligentes y familias de alto-riesgo. *Intervención Psicosocial*, 11(2), 213- 227.
- Bertaux, D. (1978). *Destinos Pessoais e Estrutura de Classes*, Lisboa, Morais Editores.
- Ben-David, A., & Sprenkle, D. H. (1993). How do they (participants) understand our (researchers) intentions? A Qualitative test of the curvilinear assumptions of the adaptability items of the FACES III. *The American Journal of Family Therapy*, 21(1), 17-26.
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. (2005) Relações conjugais e parentais: Uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 151-161.
- Camacho, P. P., León, N. C., & Silva M. I. (2009). Funcionamiento familiar según el modelo circunplejo de Olson en adolescentes. *Rev enferm Herediana*, 2(2), 80-85.
- Cava, M. J. (2003). Comunicación familiar y bienestar psicosocial en adolescentes. *Actas del VIII Congreso Nacional de Psicología Social*, 1(1), 23-27.
- Cecconello, A. M., (2003). *Resiliência e Vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese de Doutoramento não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Cumsille, P. E., & Epstein, N. (1994). Family cohesion, family adaptability, social support, and adolescent depressive symptoms in outpatient clinic families. *Journal of Family Psychology*, 8(2), 202-214.
- Curral, R., Durado, F., Torres, A., Barros, H., Palha, A., & Almeida, E. L. (1999). Coesão e adaptabilidade familiares numa amostra portuguesa: Estudo com o FACES III. *Psiquiatria Clínica*, 20(3), 213-217.
- De Antoni, C., Martins-Teodoro, M. L., & Koller, S. H. (2009). Coesão e hierarquia em famílias fisicamente abusivas. *Universitas Psychologica*, 8(2), 399-412.

- Falceto, O. (1997). *Famílias com desenvolvimento funcional e disfuncional: Validação das escalas diagnósticas FACES III, Beavers-Timberlawn e Avaliação Global (GARF)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Falceto, O. G., Busnello, E. D., & Bozzetti, M. C. (2000). Validação de escalas diagnósticas do funcionamento familiar para utilização em serviços de atenção primária à saúde. *Ver Panam Salud Publica, Public Health*, 7(4), 255- 263.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3ª Ed.). London: SAGE.
- García, M. V., Álvarez-Dardet, S. M., Hidalgo, J. S., Lara, B. L. & García, L. J. (2009). La intervención con familias en situación de riesgo psicosocial: Aportaciones desde un enfoque psicoeducativo. *Apuntes de Psicología*, 27(2-3): 413-426.
- González-Pienda, J. A., Núñez, J.C., Álvarez, L., Roces, C., González-Pumariega, S., González, P., Muñoz, R., Valle, A., Cabanach, R. G., Rodríguez, S., & Bernardo, A. (2003). Adaptabilidad y cohesión familiar, implicación parental en conductas autorregulatorias, autoconcepto del estudiante y rendimiento académico. *Psicothema*, 15(3), 471-477.
- Gracia, E., Musitu, G. & García, F. (1994). Estrés, apoyo social y ajuste psicológico en padres que maltratan a sus hijos. *Revista de Psicología Social*, 9(2): 193- 203.
- Greeff A. P. (2000). Characteristics of Families That Function Well. *Journal of Family Issues*, 21,948-962.
- Green, R., Harris, R., Forte, S. & Robinson, M. (1991). Evaluation FACES III and the circumplex model: 2440 families. *Family Process*, 30(1): 55-73.
- Harland, P., Reijneveld, S. A., Brugman, E., Verloove-Vanhorick, S. P. & Verhulst, F. C. (2002). Family factors and life events as risk factors for behavioural and emotional problems in children. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 11: 176-184.
- Herrera, P. M. (2009). La familia funcional y disfuncional, un indicador de salud. *Revista Cubana de Medicina General Integral*, 13(6), 591-595.
- Hidalgo, M. V. (1998). Transición a la maternidad y la paternidad. In M. J. Rodrigo & J. Palacios (Eds.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 161-180). Madrid: Alianza Editorial.
- Hidalgo, M. V. G., Lopez, I. V. & Sanchez, J. H. (2004). Perfil de las familias usuarias de servicios sociales comunitarios. *Portularia* 4, 95-102.
- Holmes, T. H. & Rahe, R. H. (1967). The social readjustment rating scale. *Journal of Psychosomatic Research*, v. 11: 213-218.

- Kellerhals, J., Troutot, P., e Lazega, E. (1989), *Microsociologia da Família*, Mem Martins, Europa-América.
- Kunce, J.T., & Priesmeyer, M. L. (1985). Measuring family dynamics. *Journal of Counseling Psychology*, 32(1), 40-46.
- Lewis, K. M., Byrd, D. A. & Ollendick, T. H. (2012). Anxiety symptoms in African-American and Caucasian youth: relations to negative life events, social support, and coping. *Journal of Anxiety Disorders*, 26: 32-39.
- Lomando, E., Wagner, A., & Gonçalves, J.(2011). Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(3), 96-109.
- Martín, J. C., Máiquez, M. L., Rodrigo, M. J., Correa, A. D., & Rodríguez, G. (2004). Evaluación del programa “Apoyo personal y familiar” para madres y padres en situación de riesgo psicosocial. *Infancia y Aprendizaje*, 27(4), 437-445.
- Martínez-Pampliega, A., Iraurgi, I.C., Galíndez, E., & Sanz, V. M. (2005). Family adaptability and cohesion evaluation scale (FACES): Desarrollo de una versión de 20 ítems en español. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6(2), 317-338.
- Martínez-Pampliega, A., Iraurgi, I. C., & Sanz, V. M. (2011). Validez estructural del FACES-20 Esp: Versión española de 20 ítems de la Escala de Evaluación de la Cohesión y Adaptabilidad Familiar. *Ridep*, 29(1), 147-165.
- McClanahan, M. T. (1998). A concise and practical guide to family assessment. *Information Analyses*, 70, 1-19.
- Menahem, G. (1979). Les mutations de la famille et les modes de reproduction de la force du travail. *L'Homme et la société*, nº51-54.
- Menéndez, S., Hidalgo, M. V., Jiménez, L., Lorence, B., & Sánchez, J. (2010). Perfil psicossocial de familias en situación de riesgo. Un estudio de necesidades con usuarias de los Servicios Sociales Comunitarios por razones de preservación familiar. *Anales de Psicología*, 26 (2), 378-389.
- Moreno, J.M. (2002). Estudio sobre las variables que intervienen en el abandono físico o negligencia infantil. *Anales de Psicología*, 18(1), 135-150.
- Noller, P., & Shum, D. (1990). The couple version of FACES III: Validity and reliability. *Journal of Family Psychology*, 3(4), 440-451.
- Nunes, C., & Lemos, I. (2010c). *Escala de Avaliação da Coesão e Adaptação Familiar. Versão portuguesa para investigação da Family Adaptability and Cohesion*

*Evaluation Scale de Olson, Portner e Lavee (1985)*. Documento não publicado, Universidade do Algarve, Faro, Portugal.

- Oliva, A., Jiménez J. M., Parra, A., & Sánchez-Queija, I. (2008). Acontecimientos vitales estresantes, resiliencia y ajuste adolescente. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*, 13 (1), 53-62.
- Olson, D. H. (1986). Circumplex model VII: Validation studies and FACES III. *Family Process*, 25, 337-351.
- Olson, D. (1999). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22: 144-167.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Olson, D., Portner, J., & Lavee, Y. (1983). *Families. What makes them work*. Beverly Hills, Sage Publications.
- Olson D. H., & Gorall, D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal Family Processes* (3.<sup>a</sup>Ed. pp. 514-547). New York: Guilford.
- Palacios, J. & Rodrigo, M. J. (2009). In M. Rodrigo & J. Palacios. *Familia y desarrollo humano* (25-44). Madrid: Alianza Editorial.
- Pedras, S. & Pereira, M. G. (2010). O papel da adaptabilidade familiar na adoção de comportamentos de saúde em filhos de veteranos de guerra com sintomatologia traumática. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia – Universidade do Minho*, 1373-1387
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais. A Complementaridade do SPSS* (5.<sup>a</sup>Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Place, M., Hulsmeier, J. Brownrigg, A., & Soulsby, A. (2005). The family adaptability and cohesion evaluation scale (FACES): An instrument worthy of rehabilitation? *Psychiatric Bulletin*, 29, 215-218.
- Pons-Salvador, G., Cerezo, A., & Bernabé, G. (2005). Cambio y estabilidad en los factores que afectan negativamente a la parentalidad. *Psicothema*, 17(1), 31-36.
- Relvas, A. P. (2006). *O Ciclo Vital da família* (4.<sup>a</sup>ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A., & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.
- Rabello, P., & Júnior, A. (2007). Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas. *Rev. Saúde Pública*, 41(6): 970-978.

- Reyes, W. G., & Miranda, N. T. (2001). Intento suicida y funcionamiento familiar. *Revista Cubana de Medicina General Integral*, 17(5), 452-460.
- Ribeiro, J. L. P. (1999a). Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3(XVII): 547-558.
- Ribeiro, C., Pires, S., & Sousa, L. (2004). Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências e recursos. Observatório Permanente de Desenvolvimento Social. *Horizontes Sociais*, 4, 9-22.
- Rodick, J. D., Henggeler, S. W., & Hanson, C. L. (1986). An evaluation of the family adaptability and cohesion evaluation scales and the circumplex model. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 14(1), 77-87.
- Rodrigo, M., Cabrera, E., Martín, J., & Máiquez, M. (2009). Las competencias Parentales en Contextos de Riesgo Psicosocial. *Intervención Psicosocial*, 18 (2), 113-120
- Rodrigo, M. J., Máiquez, M. L., Martín, J. C., & Byrne, S. (2008). *Preservación familiar. Un enfoque positivo para la intervención con familias*. Madrid: Pirámide.
- Rodrigo, M. J., & Palacios, J. (1998). Conceptos y dimensiones en el análisis evolutivo-educativo de la familia. In M. J. Rodrigo e J. Palacios (Eds.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 45- 69). Madrid: Alianza Editorial.
- Rodríguez, L. J. S., Pedrosa, M. G. G., Marín, M. T. A., Campos, C. R., Nunez, A. M. I & Hoyo, P. S. (2009). Estructura familiar, acontecimientos vitales estresantes y psicopatología en la adolescencia. *Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq.*, XXIX(104): 501-521.
- Rolim, L., Lopes, A., Rodrigues, C., & Coelho, T. (2006). Aplicação da escala de avaliação da coesão e da adaptabilidade familiares – III (FACESIII) a uma amostra portuguesa de doentes com polineuropatia amiloidótica familiar. In I. Leal, J. P.
- Rydell, A. (2010). Family factors and children's disruptive behavior: an investigation of links between demographic characteristics, negative life events and symptoms of ODD and ADHD. *Soc Psychiat Epidemiol*, 45: 233-244.
- Schmidt, V., Barreyro, J. P., & Maglio, A. L. (2009). Escala de evaluación del funcionamiento familiar FACES III: Modelo de dos o tres factores? *Escritos de Psicología*, 3(2), 30-36.
- Sousa, L. (2005). *Famílias multiproblemáticas*, Coimbra: Quarteto.
- Souza, J., Abade, F., Silva, P.M., e Furtado, E.F. (2011). Family functioning assessment in the context of mental health. *Revista de Psiquiatria Clínica*; 38(6):254-9.

- Thoits, P. A. (1995). Stress, coping and social support processes: where are we? What next?. *Journal of Health and social behavior*, 35: 53-79.
- Tribuna, M. F. (2000). *Famílias de acolhimento e vinculação na adolescência*. Dissertação de Mestrado em Famílias e Sistemas Sociais. Instituto Superior Miguel Torga. Coimbra: Texto Policopiado.
- Vickers, H. S. (2001). Young children at risk: Differences in family functioning. *Journal of Educational Research*, 87(5), 262-270.

## **Anexos**

---

## Consentimento Informado

Uma equipa de investigação do Departamento de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Algarve está a realizar um estudo que tem como objetivos conhecer os comportamentos em relação à saúde e bem-estar em mães de crianças e adolescentes, avaliar o apoio que têm de outras pessoas ou instituições e ainda perceber a forma como lidam com situações de stresse ou quaisquer problemas que possam ocorrer na família.

**Solicitamos assim a sua participação no estudo.** As participações das mães serão totalmente confidenciais.

Agradecendo desde já a sua colaboração

(Prof. Doutora Cristina Nunes

Coordenadora da equipa de investigação

Departamento de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Algarve)

---

Compreendo que:

- A minha participação neste estudo é inteiramente voluntária;
- Colaborando nesta investigação estou a possibilitar o avanço do conhecimento nesta área, mas que não me podem ser dadas garantias de qualquer benefício direto ou indireto pela minha participação no estudo;
- A minha participação implica aceitar responder a uma entrevista (cerca de 60 minutos);
- Posso recusar-me a colaborar nesta investigação, ou retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isso me traga quaisquer consequências negativas.

Compreendo ainda que toda a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que a minha identidade e do meu filho(a) e dados confidenciais jamais poderão ser revelados em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa, a não ser com a minha autorização por escrito.

Assinatura da mãe: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_